



DIDÁTICA EM ENFERMAGEM

Documento Orientador de Processos de Ensino e Aprendizagem



DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM ESS|IPS
2014

Documento Orientador de Processos de Ensino e Aprendizagem

Ficha Técnica

Autores

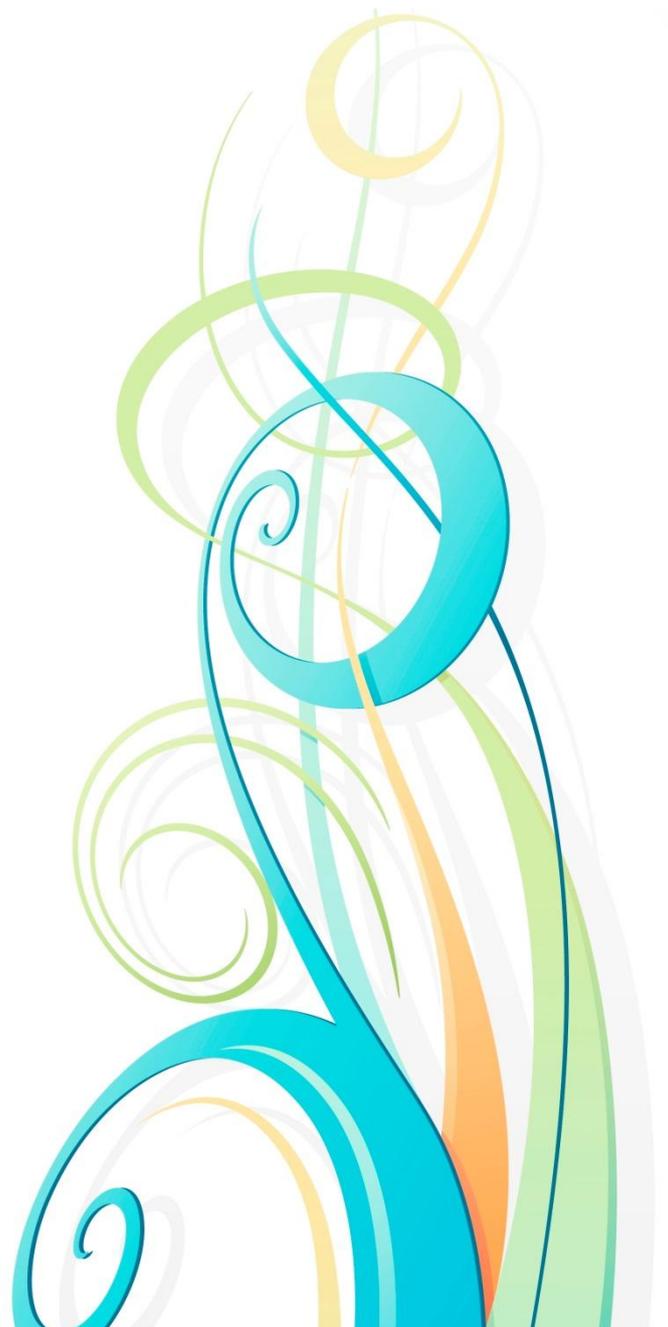
Cerqueira, Andreia Ferreri
Gomes da Costa, Fernanda
Leal, Fernanda Paula
Nunes, Lucília

Colaboradores

Estudantes do 13º CLE da ESS|IPS

Edição

Departamento de Enfermagem ESS|IPS
Campus do IPS, Estefanilha
2914-503 Setúbal, Portugal
www.ess.ips.pt
ISBN: 978-989-98206-2-3
Data: Janeiro 2014



INDICE

NOTA INTRODUTÓRIA	05
FICHAS SÍNTESE	07
1. Conceitos centrais em Didática	08
2. Integridade académica – Respeito por fontes e direitos de autor	11
3. Norma Portuguesa 405	15
4. Norma de Referenciação do Estilo APA	19
5. Norma de Referenciação do Estilo Vancouver	23
6. Ficha de Leitura	26
7. Trabalho Escrito	29
8. Relatório	32
9. Artigo Científico	35
10. Dossier Temático	38
11. Portefólio	41
12. Ensaio	44
13. Apresentação Oral	49
14. Póster Científico	51
15. Brochura e Flyer	54
16. Website e Blogue	58
NOTA FINAL	65

ABREVIATURAS

ex. – Exemplo

f. - Folha

n.º - Número

SIGLAS

APA – American Psychological Association

BNM – Biblioteca Nacional de Medicina

DE – Departamento de Enfermagem

ESS-IPS – Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Setúbal

ISBN – International Standard Book Number

ISO – International Organization for Standardization

ISSN - International Standard Serial Number

NP 405 – Norma Portuguesa 405

UC – Unidade Curricular

Nota Introdutória



O presente e-book tem origem no âmbito da Unidade Curricular (UC) **Didática em Enfermagem**, integrada no primeiro semestre do primeiro ano do Curso de Licenciatura em Enfermagem (CLE) do Departamento de Enfermagem (DE) da Escola Superior de Saúde (ESS) do Instituto Politécnico de Setúbal (IPS), e assume a finalidade de constituir um referencial para estudantes e professores interessados nas temáticas da Educação, da Didática e dos Processos e Instrumentos de ensino-aprendizagem.

“O processo de Bolonha, através do discurso que tem vindo a ser veiculado, tem fundamentado a ideia da urgência de se configurarem mudanças no domínio pedagógico-didático das instituições de ensino superior”^{1, p1} sendo fundamental, entre outros aspetos, um ensino centrado na aprendizagem e participação ativa do estudante.

Este novo paradigma, de uma educação humanista e reflexiva, tem sido temática de interesse de inúmeros discursos políticos e pedagógicos, levando a reflexões sobre a ação e, possivelmente, a uma nova forma de pensar o processo de aprender e ensinar.

Os docentes do DE da ESS-IPS acreditam numa educação humanista e reflexiva, onde todos os intervenientes são alvo de cuidado, assumindo papéis distintos mas complementares e igualmente relevantes.

A UC Didática em Enfermagem foi criada e integrada no plano de estudos do CLE da ESS-IPS desde 2008-2009. A equipa docente tem vindo sistematicamente a melhorar o planeamento, implementação e avaliação curricular, objetivando a melhoria contínua da aprendizagem do estudante. “É uma unidade de apoio complementar destinada por um lado à aquisição de Know-how e competências sobre as diferentes metodologias e estratégias didáticas, e por outro à promoção do pensamento reflexivo do estudante visando o seu desenvolvimento pessoal e social na vertente didática/pedagógica”^{2, p2}.

Considerando que é solicitado ao estudante ao longo do CLE, a realização de diferentes trabalhos académicos, sendo essencial a utilização adequada de diferentes metodologias e estratégias didáticas, alguns dos conteúdos programáticos da presente UC,

¹ Leite C, Lima L, Monteiro A. O trabalho pedagógico no ensino superior: Um olhar a partir do prémio excelência E-Learning da Universidade do Porto. Educação, Sociedade & Culturas [internet]. 2009. [acesso em 2013 jul 25]. Disponível em: http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC28/28_carlinda.pdf

² Departamento de Enfermagem. Guia da Unidade Curricular de Didática em Enfermagem. Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Saúde; 2012.

bem como os seus resultados esperados, incidem sobre os processos de ensino e aprendizagem mais frequentemente desenvolvidos pelos estudantes (a maioria com propósito avaliativo). Realça-se o Relatório de Ensino Clínico/Estágio, o Portefólio e o Ensaio, entre outros.

O presente e-book tem como objetivos: 1) apresentar os principais processos de ensino e aprendizagem desenvolvidos pelos estudantes no CLE sob a forma de fichas síntese; 2) constituir um recurso digital de fácil acesso, não só para os estudantes do CLE da ESS-IPS como para todos aqueles que desejam aprofundar conhecimentos sobre um ou mais processos de ensino e aprendizagem (alguns nem sempre claros na literatura disponível); e 3) relevar um trabalho construído pelos estudantes do 13º CLE, no ano letivo 2012-2013, 1º semestre, orientado e revisto pelos professores da UC e professora coordenadora do DE.

Constituído por 16 Fichas Síntese, este e-book percorre, em primeira instância, os principais conceitos em Didática e a importância do respeito por fontes e direitos de autor, contextualizando o leitor no paradigma perfilhado. Aborda, de seguida, algumas das principais normas de referência utilizadas na ESS-IPS e em Portugal, explanando posteriormente a Ficha de Leitura. Estas Fichas Síntese iniciais orientam o estudante na construção de Trabalhos Escritos, Relatórios, Dossiers Temáticos, Artigos Científicos, entre outros processos, que se apresentam desenvolvidas numa estrutura de sete itens: 1) contextualização; 2) finalidade/objetivos; 3) definição; 4) princípios orientadores; 5) compreendendo o processo passo a passo; 6) onde saber mais sobre o assunto; e 7) referências. Clarificamos que a norma de referência bibliográfica utilizada nas Fichas Síntese foi o Estilo de Vancouver.

Termina com algumas considerações, dando lugar a uma reflexão sobre os principais resultados.

Bem-vindo ao nosso e-book



FICHAS SÍNTESE



Ficha Síntese 1

Conceitos Centrais em Didática

Contextualização O desenvolvimento humano e a aprendizagem ao longo do ciclo de vida são processos complexos e multidimensionais, influenciados pela interação de vários fatores biológicos, económico-sociais, psicológicos, culturais e ambientais. O conhecimento de algo, não resulta de um domínio privado, mas sim de uma construção social que se consolida através das experiências pessoais¹.

Em qualquer processo de ensino e aprendizagem é necessário que se dominem as categorias que o integram. Estas, são elementos fundamentais para um melhor aproveitamento da aprendizagem, pelo que, qualquer estudante inscrito numa determinada Unidade Curricular deve ter consciência de diversos aspetos: 1) carga horária de trabalho presencial e de trabalho autónomo; 2) dos objetivos delineados; 3) dos conteúdos programáticos; 4) da(s) metodologia(s) de aprendizagem adotada(s); 5) do(s) elemento(s) de avaliação acordado(s) e dos resultados esperados previstos.

A palavra Didática é de origem grega (techné didaktiké)². Este termo foi instituído por Jan Amos Komensky, contemporaneamente mais conhecido por Comenius, no século XVII (1657) através da sua obra Didática Magna, onde assinala o significado de Didática como sendo *a arte de ensinar*².

A Didática é uma disciplina prática da Pedagogia (ramo da Pedagogia) que investiga os fundamentos, as condições e as várias formas de ensinar³, que se concentra no estudo dos processos de ensino e aprendizagem mais adequados, para um eficaz desenvolvimento instrutivo e formativo dos estudantes.

A Didática visa a reflexão e a análise do processo de ensino (para o docente) e da aprendizagem (para o estudante), concentrando-se sobre o que se ensina, para que se ensina e como se ensina, visando a aquisição dos conhecimentos e o desenvolvimento das competências requeridas.

Finalidade/Objetivos Esta ficha síntese pretende apresentar os principais conceitos relacionados com a Didática, concordantes com a perspetiva epistemológica de aprendizagem humana centrada no paradigma do estudante *aprender a aprender*, refletindo sobre os significados das diferentes experiências de aprendizagem, para a sua co construção e visão do mundo de ser humano em evolução³⁻⁵.

Objetiva contribuir para o aumento do conhecimento sobre o conceito de Didática e os que com ele se correlacionam, assentes numa epistemologia da aprendizagem humana^{4,5} na educação em enfermagem.

Definição A Didática é a ciência auxiliar da Pedagogia que detém a arte e a ciência de fazer aprender, que se dedica aos métodos e técnicas utilizadas no ensino em geral ou específico de uma disciplina. Constitui-se como uma disciplina integradora porque pesquisa os conhecimentos teóricos e práticos da teoria da educação, psicologia, sociologia e metodologias específicas das matérias

de ensino, generaliza princípios, condições e meios que são comuns e básicos para o ensino de qualquer matéria académica².

Quadro Concetual Atualmente, os enfermeiros confrontam-se com a multiplicidade vivencial de fenómenos humanos inerentes aos processos de saúde-doença das pessoas de quem cuidam. Esta realidade tem promovido profundo debate sobre as questões da aprendizagem na educação em enfermagem. Assim, surgiram diversas correntes de pensamento e propostas de repensar-se a prática pedagógica na educação em Enfermagem. As autoras, docentes do Departamento de Enfermagem da Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Setúbal (ESS-IPS), perfilham a perspetiva educativa/humanista. iguais

Princípios Orientadores Quando o tema em reflexão é a Didática, importa ter em conta que:

1. Os conceitos alteram-se ao longo do tempo, fruto da transformação do pensamento, e caráter evolutivo dos paradigmas da educação^{6,7}.
2. A perspetiva educativa humanista considera a educabilidade do estudante no processo de *tornar-se pessoa*, como uma construção social, pois defende que os estudantes necessitam de *aprender a aprender*, através do pluralismo de fontes de saber, numa posição de abertura ao mundo, refletindo sobre os significados da aprendizagem para si.
3. Na base, visa-se o processo de edificação de Si – *pessoa, estudante de enfermagem* - como elemento estruturante do pensamento crítico e reflexivo. Igualmente visa-se o ganho de competências instrumentais em ligação à produção dos processos de aprendizagem e das propostas de trabalho.

Glossário **A**prendizagem Aprendizado. Aquisição de conhecimentos através da experiência ou do ensino. Tempo em que se aprende¹⁻⁸.

Didática Estudo dos recursos técnicos que têm em mira dirigir a aprendizagem do educando, tendo em vista levá-lo a atingir um estado de maturidade que lhe permita encontrar-se com a realidade e na mesma poder atuar de maneira consciente, eficiente e responsável⁷.

Educação Processo de aquisição de conhecimentos e aptidões que visam o desenvolvimento harmonioso do ser humano nos seus aspetos intelectual, moral e físico, assim como a sua inserção na sociedade¹⁻⁸.

Estratégias de ensino-aprendizagem Conjunto de ações (do professor ou do estudante) orientadas para favorecer o desenvolvimento de determinadas competências de aprendizagem, resultados esperados em função dos objetivos delineados⁸.

Material didático Recurso didático. Instrumento e/ou produto pedagógico que se utiliza na abordagem educativa (ex.: em sala de aula) como material instrucional que é elaborado com finalidade didática (didatismo), tendo em conta o objetivo e a situação de aprendizagem¹⁻⁸.

Pedagogia Ciência do ensino que estuda diversos temas

relacionados com a educação (teóricos e/ou práticos). Visa a melhoria do processo ensino-aprendizagem dos indivíduos, através da reflexão, sistematização e produção de conhecimentos¹⁻⁸.

Onde Saber Mais Sobre o Assunto?

Para se obter mais informação sobre o tema em estudo, sugere-se a consulta *online* e bibliográfica em:

- *Um conceito amplo de pedagogia* de Umberto de Andrade Pinto, 2006. Disponível em: <http://www.metodista.br/ppc/multiplas-leituras/multiplas-leituras-01/um-conceito-amplio-de-pedagogia/>
- *Didática: a aula como centro* de Marcos Massetto. 3ª ed. São Paulo: Editora Ftd, 1996.
- *A Didática em Questão* de Vera Maria Candau. Petrópolis: Vozes, 1985.
- *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem* de Isabel Alarção et al. 6ª ed. Coimbra: Almedina, 2005.
- *The Concept of Capability and its Importance in Higher Education* de John Setephenson John, 1998. Disponível em: http://www.heacademy.ac.uk/assets/documents/resources/heca/heca_cq_01.pdf
- *Educação um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional para o séc. XXI* de Delors Jacques et al, 1996. Disponível em: http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf

Referências

1. Barbosa L. et al. *Desenvolvimento Humano e Profissionalidade*, Seminários MIDOST. Lisboa: Âncora Editora/UI&DE, 2010.
2. Libaneo JC. *Didática*. São Paulo: Editor Cortez, 1994.
3. Basto ML. *Investigação sobre o cuidar de enfermagem e a construção da disciplina, proposta de um percurso*. Lisboa: Revista Pensar Enfermagem. 2009. 13(2):11-18.
4. Freire P. *Educação e Mudança*. 32ª ed. São Paulo: Paz e Terra, Ida, 2010.
5. Freire P. *Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 10ª ed. São Paulo: Paz e Terra, Lda, 2003.
6. Campos DG. *Síntese das principais ideias contidas no livro "O que é a Educação?" de Carlos Rodrigues Brandão*. 28ª edição [internet] fev 2002 [acesso em 2013 ago 27]. Disponível em: http://www.faibi.com.br/downloads/ped/sintese_ideias.pdf
7. Nérici IG. *Didática do Ensino Superior*. São Paulo: Ibrasa, 1993.
8. Vieira RM, Vieira C. *Estratégias de ensino/aprendizagem*. 1ª ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.



Integridade Académica Respeito por Fontes e Direitos de Autor

Contextualização

O Respeito por Fontes e Direitos de Autor mantém-se como tópico de discussão atual, surgindo como um assunto controverso ao longo do tempo. Alguns países e culturas não concebem a utilização da informação de outrem enquanto prática fraudulenta, defendendo que as ideias dos autores são pertença da sociedade. Contrariamente a esta perspetiva, outros países defendem a propriedade intelectual dos autores como um direito dos mesmos, sendo considerada ilegal a utilização indevida desse conhecimento¹⁻⁴. Portugal integra o grupo de países que defende os direitos de autor e respeito por fontes, enquanto propriedade intelectual e direito fundamental, devidamente legislada na Constituição da República⁵. O respeito pela proteção de propriedade intelectual concretiza-se garantindo os direitos dos autores.

A relação deste assunto nas instituições de ensino superior surge associada à ocorrência de plágio nos trabalhos académicos. Particularmente no domínio das ciências e pesquisa científica, a fraude e o plágio têm sido objeto de estudo, traduzindo questionamento e preocupação o exponencial desenvolvimento deste fenómeno por estudantes no ensino superior^{3,4,6,7}. Estudos têm revelado que a globalização e o fácil acesso à documentação eletrónica, o aumento da competitividade, as diferenças culturais e de valores dos estudantes conduzindo a diferentes interpretações sobre propriedade intelectual, são variáveis associadas ao aumento de plágios nos trabalhos académicos¹⁻⁴.

Universidades e outras instituições de ensino superior têm discutido o fenómeno e adotado políticas promotoras da integridade académica dos estudantes, centradas na divulgação e apelo ao cumprimento de códigos de ética pelos estudantes¹⁻³. Na ESS-IPS a prática de plágio é considerada uma atividade antiética, porque põe em causa os princípios da honestidade, justiça, autonomia e liberdade de expressão de cada um. Esta prática é ilegal, e na ESS-IPS conduz o estudante a um processo interno de averiguação de má prática e, potencialmente ao insucesso académico. Neste âmbito, a realização de plágio em meio académico é expressamente proibido, devendo **todos os trabalhos académicos** ser **devidamente referenciados**.

Finalidade/Objetivos

Esta ficha síntese tem como finalidade versar o tema do Respeito por Fontes e Direitos de Autor na redação de trabalhos académicos. Apresentam-se como objetivos: 1) definir direitos de autor e plágio; 2) apresentar as principais orientações para a garantia dos direitos de autor e prevenção de plágio em trabalhos académicos; 3) enumerar os principais passos a seguir para o cumprimento dos direitos de autor nos trabalhos académicos.

Definição Direito de autor é um “Direito do Homem e um Direito Fundamental, consagrado na Constituição da República Portuguesa, que protege as obras ou criações intelectuais. É um ramo do Direito Civil que se rege, essencialmente, pelas disposições do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (CDADC), publicado pelo Decreto-Lei n.º 63/85, de 14 de Março”⁷. As obras ou criações intelectuais referem-se a livros, artigos, músicas, filmes, poemas, trabalhos científicos, monografias, teses de doutoramento, entre outros, que estejam impressos em formato papel, disponíveis *online* ou em outros formatos.

O plágio surge como uma atividade ilícita/fraudulenta, sendo definido como:

- Cópia de um, ou parte de trabalho, obra, textos científicos ou literários de outro autor⁷.
- “Utilização de um texto ou de uma passagem sem referir o seu autor e apresentando-os como da autoria da pessoa que os utiliza”^{10 p81}.
- Apropriação do texto de outrem, onde se descaracteriza a sua origem mesmo que esta seja involuntária⁷.
- Cópia intencional ou não intencional de palavras de outra pessoa¹⁻⁴.
- “Copy paste” de texto e roubo de uma ideia/pensamento de outrem⁷.

Princípios Orientadores Compete a cada estudante o dever de informar-se sobre as políticas da instituição quanto aos direitos de autores e garantia de fontes, nos trabalhos académicos.

Sugere-se: 1) a consulta dos recursos disponibilizados pela instituição sobre este assunto; 2) a eleição de um bom e efetivo método de estudo individual (e grupal); 3) o aprofundamento de competências de auto-organização, gestão de tempo e sistematização das leituras, prevenindo incumprimento de prazos e realização *apressada* dos trabalhos académicos; 4) a leitura e revisão criteriosas das versões finais dos trabalhos.

Defende-se o aprofundamento da competência de reflexão crítica e atitude honesta de cada estudante face à produção dos seus trabalhos académicos, em prol de aprendizagens significativas. Este conjunto de princípios sugeridos pretendem orientar o estudante da ESS-IPS numa Boa Prática Académica, prevenindo a realização de plágios.

Compreendendo o Processo Passo a Passo Na realização de qualquer tipologia de trabalho académico, deve-se garantir os direitos dos autores das fontes utilizadas. Sugere-se a realização dos seguintes passos:

1. Pesquisa sobre o assunto/tema do trabalho académico em **fontes de documentação idóneas e variadas** (livros de autores de referência, artigos científicos pesquisados nas bases de dados disponíveis na instituição, relatórios e/ou orientações de organizações nacionais, europeias ou internacionais, sites de instituições nos domínios da saúde, biomédicas e ciências sociais, outros);
2. Configuração da estrutura-base do trabalho, incluindo **a página da lista final de referências bibliográficas**;
3. **Eleição de uma norma de referência bibliográfica** orientadora da redação do trabalho académico a realizar;
4. **Enunciação de cada referência bibliográfica** de todas as fontes

documentais lidas para a realização do trabalho acadêmico, na página da lista final de referências e no texto nas paráfrases e citações;

5. Respeito pelos princípios orientadores da Norma/Estilo optada para **referenciação dos diferentes tipos de documentos consultados/pesquisados** para o trabalho.
6. Cumprimento das orientações da Norma/Estilo de referenciação bibliográfica optada quanto a **citação e paráfrases** no texto (deve-se referenciar: o pensamento dos autores expresso em livros, artigos científicos, e outras fontes impressas; Informação retirada da Web; Imagens e vídeos; artigos de jornais, reportagens, filmes, entre outros);
7. Compreensão de que **incorre na realização de plágio sempre que:**
 - Utiliza como seu o pensamento/ideias/opiniões de autores sem acautelar a devida referência no texto e na lista de referências bibliográficas, do trabalho acadêmico que está a realizar, ou sem autorização específica dos autores;
 - Realiza copy-paste de produções escritas impressas ou consultadas *on-line*, imagens e outros, sem garantir a autoria dos direitos dos autores;
 - Omite as referências aos autores no corpo do trabalho, colocando-as unicamente na lista final de referências;
 - Substitui propositadamente o texto do autor por palavras sinónimas, apresentando-o como pensamento próprio;
 - Colabora/aceita a realização de práticas de plágio por colegas de grupos de trabalho, incorrendo em desonestidade ou falta de integridade académicas.

Onde Saber Mais Sobre o Assunto?

Para se obter mais informação sobre o tema em estudo, sugere-se a consulta *online* e bibliográfica em:

- The fundamental Values of Academic Integrity. Disponível em: <http://www.academicintegrity.org/ica/assets/FVProject.pdf>
- *Orientações para apresentação e redação de projetos de pesquisa e trabalhos académicos* de Souza MSL. Belo Horizonte: Coopmed; 2009.
- *Plagiarism* de UNSW Austrália/Current Students Disponível em: <https://student.unsw.edu.au/plagiarism>
- *Plagiarism and how to avoid it* de University of Essex. Disponível em: http://www.essex.ac.uk/plagiarism/docs/Plagiarism_and_how_to_avoid_it_2009.pdf
- *What is plagiarism?* De University of Oxford. Disponível em: <http://www.ox.ac.uk/students/academic/goodpractice/about/>

Referências

1. Hayes N, Introna LD. Cultural Values, Plagiarism and Fairness: when plagiarism gets in the way of learning. [internet]. [acesso em 2013 jul 24]. Disponível em: <http://www.lums.lanacs.ac.uk/files/sdaw/5706.pdf>
2. Marshall S, Gary M. How Well do students really understand plagiarism? [internet]. [acesso em 2013 ago 08]. Disponível em: http://www.ascilite.org.au/conferences/brisbane05/blogs/proceedings/52_Marshall.pdf

3. Butakov S, Dyagilev V, Tiskhay A. Protecting Students' Intellectual Property in the Web Plagiarism Detection Process. IRR ODL [internet]. 2012 dec [acesso em 2013 jul 24];13(5): 1-19. Disponível em:
<http://www.eric.ed.gov/contentdelivery/servlet/ERICServlet?accno=EJ1001719>
4. Youmans, RJ. Does the adoption of plagiarism-detection software in higher education reduce plagiarism? Studies in Higher Education IRR ODL [internet]. 2012 feb [acesso em 2013 jul 25]; 36(7):749-761. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/03075079.2010.523457>
5. Portugal. Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos. Decreto Lei n.º 63/85, de 14 de março. [internet]. 2012 dez [acesso em 2013 jul 25]. Disponível em:
http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=484&tabela=leis
6. Masic I. Ethical Aspects and Dilemmas of Preparing, Writing and Publishing of the Scientific Papers in the Biomedical Journals. Acta Inform Med [internet]. 2012 sep 20(3):141-148. [acesso em 2013 jul 25]; Disponível em:
<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23322969>
7. Sauthier M, Filho A, Matheus M e outros. Fraude e plágio em pesquisa e na ciência: motivos e repercussões. Revista de Enfermagem Referência. 2011 março: 47-55.
8. Associação Portuguesa de Editores e Livreiros [internet]. [Lisboa]:APEL; 2010 [citado 2013 jul 30]. Disponível em:
<http://www.apel.pt/pageview.aspx?pageid=228&langid=1>
<http://www.apel.pt/pageview.aspx?pageid=228&langid=1>
9. Organização Mundial da Propriedade Intelectual [internet]. [citado 2013 jul 30]. Disponível em:
<http://www.wipo.int/portal/index.html.en>
10. Estrela E, Leitão MA, Soares MJ. Saber escrever uma tese e outros textos. Um guia para apresentar corretamente os seus trabalhos e outros documentos. 9ª ed. Lisboa: D. Quixote; 2013.



Norma Portuguesa 405

Contextualização A realização de um trabalho académico pressupõe o encontro de diversos autores e suas obras. Neste encontro, a ideia de cada autor deve ser respeitada, assim como a correta referenciação do seu trabalho.

Para referenciar trabalhos académicos são utilizadas diversas normas³, entre elas a Norma Portuguesa 405 (NP 405), uma das elegidas pelo Departamento de Enfermagem (DE) da ESS-IPS na referenciação dos trabalhos. Esta Norma é utilizada na área da informação e documentação, definindo regras para a normalização das referências bibliográficas de vários tipos de documentos. A NP 405 teve origem na International Organization for Standardization (ISO) 690, sendo regulada pelo Instituto Português da Qualidade¹ (IPQ).

Finalidade/Objetivos A NP 405 tem como finalidade a referenciação de vários tipos de documentos, promovendo uma uniformização na forma de referenciar e o respeito pelos direitos do autor e sua obra e contribuir para a aprendizagem dos estudantes na elaboração de referências bibliográficas. Apresentam-se como objetivos: 1) identificar os elementos das referências bibliográficas necessários aos principais tipos de documentos a referenciar; 2) estabelecer a sequência definida dos elementos da referência bibliográfica; 3) exemplificar as regras para a transcrição e apresentação da informação contida nas fontes da publicação a referenciar.

Definição A NP405 consiste na definição de regras para a normalização das referências bibliográficas de vários tipos de documentos. A NP405-1 destina-se a documentos impressos²; a NP405-2 utiliza-se para materiais não livro³, tais como, cartazes, filmes, entre outros; a NP405-3 reporta-se a documentos não publicados⁴, como monografias e publicações em série não publicadas comercialmente, circulares, cartas, manuscritos, música manuscrita, materiais cartográficos; a NP405-4 refere-se a documentos eletrónicos⁵.

Princípios Orientadores Independentemente da norma de referenciação existem princípios orientadores a ter em conta, nomeadamente a relevância da utilização de fontes primárias, credíveis e sempre que possível, atuais. Ao utilizar a NP405 deve-se: 1) garantir que a norma escolhida é de facto a adequada para o tipo de documento que está a ser produzido,

³ Uma Norma consiste num “documento estabelecido por consenso e aprovado por um organismo de normalização reconhecido, que define regras, linhas de orientação ou características para atividades ou seus resultados, destinadas à utilização comum e repetida, visando atingir um grau ótimo de ordem, num dado contexto”.

de acordo com as exigências onde o mesmo vai ser apresentado; 2) assegurar que a referência está de acordo com o documento referenciado; 3) referenciar na introdução que corresponde à norma utilizada; 4) disponibilizar os seguintes elementos bibliográficos: autor, título da obra, editora, data de publicação e local e outros elementos específicos, tendo em consideração os elementos obrigatórios, os recomendáveis e os facultativos^{2,3,4,5}.

A NP405 permite algumas escolhas dentro das regras gerais. O importante é utilizar-se sempre o mesmo critério desde o início até ao fim do trabalho, promovendo uma uniformização da referência ao longo do texto e no seu final (lista de referências).

Atualmente existem ferramentas informáticas que procedem à referência de forma automática, como é exemplo o programa Word ou o programa Mendeley, contudo no caso da NP405, tal não é possível, a não ser através das adaptações necessárias da (ISO 690).

Compreendendo o Processo Passo a Passo

A NP405 obedece a critérios de referência, consoante o tipo de documento utilizado, pelo que se apresentam alguns exemplos de referência comuns, como o livro impresso e o artigo eletrónico, entre outros. É importante referir que existem outras opções de referência sendo necessário consultar a norma na sua totalidade de forma a se conhecer melhor as escolhas possíveis²⁻⁵.

Exemplos:

1. Publicação impressa:

APELIDO, Nome Próprio – **Título da obra: Subtítulo**. Edição.
Local de Edição: Editor, Ano de Publicação. ISBN⁴

Exemplo:

BERGER, Louise; POIRIER, Danielle Mailloux - **Pessoas Idosas: Uma abordagem global**. Lisboa: Lusodidacta, 1995. 594p. ISBN: 972-95399-8-7.

2. Artigo eletrónico:

APELIDO, Nome Próprio – Título. Nome da Revista [Em linha]. Volume, Número (ano), Páginas. [Data de consulta]. Disponível em [www:<url>](http://www.<url>). ISSN⁵

Exemplo:

BASTO, Marta Lima - Investigação sobre o cuidar de enfermagem e a construção da disciplina: Proposta de um percurso. Pensar Enfermagem [Em linha]. Vol.13, Nº2 (2009), p. 11-18. [Consult. 1 dez. 2013]. Disponível em:

⁴ ISBN – International Standard Book Number. Consiste no número padrão internacional de cada livro onde é identificado o título, o autor, o país e a editora, individualizando as edições de uma mesma obra. O sistema é controlado pela Agência Internacional do ISBN, que orienta e delega poderes às agências de cada país.

⁵ ISSN - International Standard Serial Number. Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadas (português brasileiro) ou Número Internacional Normalizado das Publicações em Série (português europeu), é o identificador de publicações seriadas aceite internacionalmente. O seu uso é definido pela Norma Técnica ISO 3297:2007. Tem a função de identificar o título de uma publicação seriada (ex. jornais, revistas, anuários, etc.) em circulação, futuras (pré-publicações) e encerradas, seja em qual idioma ou suporte se encontrar (impresso, meio eletrónico, CD-ROM, etc.). O ISSN é o único identificador de padrão internacional e como tal possibilita rapidez, produtividade, qualidade e precisão na identificação e controle de publicação seriada nas mais diversas atividades e instituições (publicadoras e editoras; livrarias, distribuidoras, agências de assinaturas, varejo automatizado, bancas de jornais, Serviço de Depósito Legal; bases de dados; bibliotecas, centros de documentação, sistemas nacionais e internacionais de informação; catálogos coletivos nacionais e regionais; código de barras de leitura ótica; etc.). Segundo a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, no Brasil, o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e, em Portugal, a Biblioteca Nacional atuam como centros nacionais do ISSN, (consulta em http://www.bnportugal.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=154&Itemid=191 e <http://www.fc.ul.pt/pt/pagina/3720/issn-isbn-e-doi>)

[http://pensarenfermagem.esel.pt/files/2009_13_2_11-18\(1\).pdf](http://pensarenfermagem.esel.pt/files/2009_13_2_11-18(1).pdf)

3. Filme ou documentário vídeo:

APELIDO, Nome Próprio – **Título** [Registo vídeo] Realização de. Local de publicação: Editor, Ano de publicação. Designação específica e extensão do material.

Exemplo:

As Pinturas do meu irmão Júlio [Filme]. Realização, fotografia, montagem e produção Manoel de Oliveira; poemas e comentários José Régio. Lisboa: ICALP, 1965. 1 filme em bobina.

4. Portal eletrónico/Página Web:

APELIDO, Nome Próprio – **Título** [Em linha]. Local de publicação: Editor. [Data de consulta]. Disponível em [www:<url>](http://www.<url>). ISSN

Exemplo:

DIREÇÃO GERAL DE SAÚDE – Documentos e Publicações [Em linha]. Lisboa: DGS. [consult. 1 dez 2013]. Disponível em: <http://www.dgs.pt/documentos-e-publicacoes.aspx?v=b5ef3dfe-6f5f-4ce3-8e86-fabad33830bf>

Ao longo do texto pode citar-se a ideia de um autor ou transcrever a sua ideia/discurso. Na citação deve-se colocar o nome do autor (apelido) e a data (ano, acrescido do número da página; Na Paráfrase, identificar o apelido do autor e data da obra.

Ex: citação⁶ (NUNES, 2013., p.10). Ex: Paráfrase⁷ (NUNES, 2013). Pode-se optar por uma referência numérica ao longo do texto com correspondência da informação em nota em rodapé.

Onde Saber Mais Sobre o Assunto?

Para obter mais informações sobre a NP 405 sugere-se a consulta online em:

- *Instituto Português da Qualidade* (documentos das normas 405-1,2,3, e 4). Disponível em: www.ipq.pt
- *Serviços de Biblioteca da Universidade de Aveiro*. Disponível em: <http://www.ua.pt/sbidm/biblioteca/ReadObject.aspx?obj=15295>

Referências

1. Decreto-lei 235/93 do Diário da República disponível em: <http://www.dre.pt/cgi/dr1s.exe?t=dr&cap=1-1200&doc=19932194%20&v02=&v01=2&v03=1900-0101&v04=3000-12-21&v05=&v06=&v07=&v08=&v09=&v10=&v11='Decreto->

⁶ Entende-se por **citação** “a inserção, no decorrer de um texto, de uma informação pertencente a uma fonte indicada, quando são reproduzidas as próprias palavras da fonte citada” ^{7,p79}

⁷ Entende-se por **paráfrase** “a reformulação de um texto, por meio de palavras diferentes das originais, sem, contudo, lhe modificar o sentido nem o ponto de vista ^{7,p80}. (...) a referência da fonte da paráfrase, no texto, surge com indicação do apelido do autor e data da obra. Importa seguir as orientações da norma de referência bibliográfica que escolher, quanto à apresentação no texto da citação e/ou paráfrase.

[Lei'&v12=&v13=&v14=&v15=&sort=0&submit=Pesquisar](#)

2. Portugal: IPQ; 2002 [consulta a 2013 jul 27] Disponível em: <http://www.fd.unl.pt/Anexos/4141.pdf>
3. Instituto Português da Qualidade. Norma Portuguesa 405 2 [internet] Portugal: IPQ; 2002 [consulta a 2013 jul 27] Disponível em: http://www.isel.pt/adec/docs/tfm/np405_2_bibliografia_ao_documento.pdf
4. Instituto Português da Qualidade. Norma Portuguesa 405 3 [internet] Portugal: IPQ; 2002 [consulta a 2013 jul 27] Disponível em: http://www.isel.pt/adec/docs/tfm/np405_3_docs_nao_publicados.pdf
5. Instituto Português da Qualidade. Norma Portuguesa 405 1 [internet] Portugal: IPQ; 2002 [consulta a 2013 jul 27] Disponível em: <http://www.fd.unl.pt/Anexos/4142.pdf>



Norma de Referenciação do Estilo APA

Contextualização **A** Norma de Referenciação do Estilo American Psychological Association (APA) surgiu há cerca de oitenta anos quando um grupo de cientistas sociais sentiu necessidade de definir orientações para clarificar a apresentação de materiais escritos para publicação, por editoras¹. A APA^{1,2} ficou definida como um estilo editorial que segue o sistema de Harvard (autor, data), sendo utilizada maioritariamente nos domínios das ciências sociais e humanas. Outros domínios do conhecimento, respeitando às áreas da educação, ciências empresariais e ciências da saúde, têm gradualmente adotado este estilo editorial para organizarem a redação dos seus materiais e publicarem artigos em editoras da sua esfera de conhecimento^{1,2}. A APA revê periodicamente as suas orientações de acordo com as alterações convencionadas, para garantir a uniformidade e consistência destas na referenciação de manuscritos. Edita regularmente um livro designado por *The Publication Manual of the American Psychological Association*, tendo já publicado a sexta edição deste manual. As orientações sugeridas neste documento reportam-se a essa edição.

Finalidade/Objetivos **E**sta Ficha Síntese tem como finalidade abordar genericamente o assunto da elaboração de referências bibliográficas de acordo com o estilo APA. Apresentam-se como objetivos: 1) apresentar um conjunto de breves orientações para a referenciação bibliográfica segundo a APA, permitindo outra alternativa para a garantia dos direitos de autor nos trabalhos académicos; 2) apresentar a tipologia das principais referências de acordo com diferentes tipos de fontes a referenciar; 3) sugerir recursos para consulta.

Definição **C**larificado o conceito de norma na ficha síntese anterior, importa-se para este item, o mesmo. Nesse âmbito, a APA definiu uma Norma sobre princípios e regras essenciais às produções escritas. Estas regras definem critérios em relação à estruturação do texto, estilos e formatação de quadros, tabelas, gráficos, apresentação de resultados, creditação de fontes e criação de listas de referências, visando garantir direitos de autor².

Princípios Orientadores **A**ntes de optar pela Norma da APA deve-se verificar se existe outra diretriz para a realização do trabalho (designadamente no Guia da UC; Instrução de Trabalho; Guia para a realização de trabalho;...) e se ainda persistir a dúvida, validar com o Regente da UC a que se destina o trabalho. De seguida deve-se respeitar os seguintes pontos: 1) para qualquer trabalho académico especificar (na INTRODUÇÃO) a norma de referenciação bibliográfica a utilizar; 2) respeitar o mesmo estilo de citação em todo o documento (apelido do autor, ano); 3) apresentar a informação referente a cada

referência bibliográfica, o mais completa possível. 4) organizar todas as referências bibliográficas consultadas e designadas no texto, na página referente à lista final de referências; 5) organizar por ordem alfabética (apelido dos autores), a lista de referências.

**Compreendendo o
Processo Passo a
Passo**

A Norma APA^{1,4} apresenta grande especificidade de referência para as diferentes tipologias de documentos consultados. Apresentam-se alguns exemplos, e sugere-se consulta posterior aos links disponíveis nas referências bibliográficas desta Ficha Síntese.

Exemplos de Orientações para a lista de referência final de trabalhos acadêmicos, segundo a Norma de Referência do estilo APA, com exemplo de citação:

1. Um Autor:

O apelido do autor deve ser redigido com letras minúsculas exceto a primeira letra, seguido das iniciais dos primeiro e segundo nomes próprios, separado por vírgula entre o apelido e a primeira inicial do nome próprio e com ponto após as iniciais do nome, como nos exemplos:

- Nunes, L.R., 2013.
- Citação no texto (Nunes, 2013)

2. Dois autores:

Citar os autores como referido anteriormente, separados por & (em itálico), como nos exemplos:

- Cerqueira, A.F., & Gato, A.P. (2013)
- Citação no texto (Cerqueira, & Gato, 2013)

3. Três a cinco autores:

Citar os apelidos dos autores separados por vírgula na primeira citação com & (em itálico) no último apelido, como nos exemplos:

- (Cerqueira, Gomes, Leal, Nunes, & Ramos, 2013)
- Nas citações seguintes (Cerqueira, et al., 2013)

4. Mais de seis autores:

Utilizar a expressão “et al” sempre desde a primeira citação. Os autores não necessitam de estar referenciados por ordem alfabética do apelido.

5. Livro impresso de um autor:

Apelido, Inicial do primeiro nome. (Ano). *Título*. Cidade. Editora.
Como no exemplo:

Dias, G. (1983). *Conheça este poeta: poesias selecionadas*. Rio de Janeiro:Agir.

6. Artigo de revista impresso:

Apelido, Iniciais do Nome (separadas por ponto e vírgula). (Ano).
Título. *Nome da revista*, Volume(número do artigo),
intervalo de páginas que integram o artigo. Como no exemplo:

Martinez, A.M. (2000). A evolução das redes eletrônicas de comunicação e o uso estratégico de Intranet por unidades de informação. *Infor&Infor*, 5(2), 81-92.

7. Artigo de revista electrónico:

Com doi:

Apelido, Iniciais do Nome (separadas por ponto e vírgula). (ano).
Título do artigo. *Nome da revista*, Volume (número do artigo), intervalo de páginas que integram o artigo. doi: colocar referência do doi.

Exemplo com doi:

Senior, B., & Swailes, S. (2007). Inside management teams: Developing a teamwork survey instrument. *British Journal of Management*, 18, 138-153. doi:10.1111/j.1467-8551.2006.00507.x

Com URL e sem doi:

Apelido, Iniciais do Nome (separadas por ponto e vírgula). (ano).
Título do artigo. *Nome da revista*, Volume (número do artigo), intervalo de páginas que integram o artigo.
Disponível em endereço de URL.

Exemplo com URL:

Fleischer, L. (2010). Developing Emotional Literacy: Transition Planning for Youth at Risk. *Reclaim children and Youth Journal*, 19 (1), 50-53. Disponível em:
<http://reclaimingjournal.com/>

8. Filme ou documentário vídeo:

Apelido, Iniciais do Nome (nome do produtor/diretor). (ano). Título do filme/vídeo [tipologia do produto]. Cidade: Produtora.

Exemplo:

Zhang, Y. (Producer/Director). (2000). Not one less [Motion picture]. China: Columbia Pictures.

9. Portal electrónico/Página Web:

Nome da Organização/instituição. (ano). *Título da página*. Acesso em mês dia, ano. Disponível em endereço de URL.

Exemplo:

Who (2013). Mental Health Action Plan 2013-2020. Acesso em Outubro 12, 2013. Disponível em http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/89966/1/9789241506021_eng.pdf

10. Outros

Particularidades referentes a outros formatos de referência de fontes bibliográficas neste estilo de referência, sugere-se a consulta aos links disponibilizados nas referências bibliográficas e site da APA.

Onde Saber Mais
Sobre o Assunto?

Para obter mais informação sobre a Norma da APA sugere-se, consulta online e bibliográfica em:

- <http://www.apastyle.org/>
- <http://www.apastyle.org/learn/faqs/index.aspx>
- *American Psychological Association*. Publication Manual of the American Psychological Association; 2009.

- *American Psychological Association*. Mastering APA Style: Student's Workbook and Training Guide; 2009.

Referências

1. APA [Internet]. American Psychological Association [acesso em 31 de outubro de 2012]. Disponível em: <http://www.apa.org/>
2. Northern Michigan University [Internet]. Michigan:Olson Library; [Atualizado 2013 ago 14]. Disponível em: http://library.nmu.edu/guides/userguides/style_apa.htm
3. University of Wisconsin [Internet]. Madison:The Writing Center; c2009. The Writer's Handbook, APA Documentation Guide; 2012 jul 02 [acesso 2013 ago 12]; Disponível em: <http://writing.wisc.edu/Handbook/DocAPAReferecences.html>
4. Eastern Institute of Technology [Internet]. New Zealand:Library and Learning Services [Atualizado 2012 set 12]. Disponível em: <http://www2.eit.ac.nz/library/OnlineGuides/2012%20APA%20Referencing%206th%20Edition.pdf>
5. 2. Instituto Português de Qualidade. Glossário da qualidade [Internet]. [acesso em 2012 nov 2]. Disponível em: <http://www.ipq.pt/custompage.aspx?modid=1076&pagID=1318>



Norma de Referenciação do Estilo Vancouver

Contextualização Na Ficha Síntese 2, abordou-se a importância de garantir os direitos de autor e respeitar as fontes documentais consultadas através da referenciação bibliográfica.

Existem muitas normas de referenciação bibliográfica, no entanto o DE da ESS-IPS elegeu três normas, das mais conhecidas e utilizadas em meio acadêmico nacional e internacional: a NP 405 e a Norma APA (apresentadas nas Fichas Síntese 3 e 4) e ainda a Norma do Estilo de Vancouver, como contributo para a orientação dos trabalhos académicos.

Sobre o Estilo Vancouver, sabe-se que teve origem em 1978 quando um grupo de editores de revistas médicas se reuniu nesta cidade, visando criar diretrizes para uniformizar as referências dos trabalhos científicos. Criaram um documento alicerçado nas orientações da Biblioteca Nacional de Medicina (BNM), sendo por isso considerado um estilo e não uma norma de referenciação, propriamente dita. Atualmente é o estilo mais utilizado para publicações científicas no domínio biomédico^{1,3}.

Finalidade/Objetivos O Estilo Vancouver visa a referenciação de vários tipos de documentos, promovendo uma uniformização na forma de referenciar e o respeito pelos direitos do autor.

A presente Ficha Síntese tem como finalidade a aprendizagem dos estudantes sobre a referenciação bibliográfica de acordo com o Estilo Vancouver e servir de orientação, na determinação desta tipologia de referenciação bibliográfica, quando solicitada em trabalho académico.

Apresentam-se como objetivos: 1) apresentar um conjunto de breves orientações para a referenciação bibliográfica segundo o estilo Vancouver; 2) apresentar a tipologia das principais referências de acordo com diferentes tipos de fontes a referenciar; 3) sugerir recursos para consulta.

Definição A referenciação segundo o Estilo Vancouver distingue-se de outras tipologias de referenciação por apresentar-se no **formato de número árabe** para cada referência utilizada, surgindo no texto entre parêntesis [ex.: Azevedo (2)]. A maioria das revistas médicas membros do Comité Internacional tem preferência pelo formato “superior ao texto” (ex.: Azevedo²), em substituição do número entre parêntesis⁴. Este estilo de referenciação derivou das adaptações realizadas pela (BNM), partindo das normas aprovadas pela *American National Standard Institute*^{1,4}.

Princípios Orientadores Ao utilizarmos o Estilo Vancouver deve-se:

- Confirmar se é possível utilizar o Estilo Vancouver nos trabalhos académicos pedidos pelos docentes das distintas UC's;
- Identificar previamente as diferentes tipologias de documentos para as

- referenciarmos corretamente;
- A numeração das referências deve surgir no texto seguindo a ordem em que aparece;
- A apresentação do número no texto pode surgir em dois formatos diferentes: a) apresentar-se entre parênteses (1,4); b) surgir no formato “superior ao texto”^{1,4};
- Sempre que se pretenda citar ou parafrasear um autor cuja referência já foi anteriormente apresentada, deve-se repetir a numeração original;
- Perante a necessidade de apresentar múltiplas referências, utiliza-se as vírgulas para indicar referências não sequenciais (ex.: 12, 35) e o hífen para indicar referências sequenciais (ex.: 1-6) em vez de (1,2,3,4,5,6);
- As citações devem apresentar sempre o número da página da fonte: (ex.: “A citação deve corresponder exatamente ao original e ser acompanhada de informação rigorosa da sua fonte...”^{5,p79});
- As citações indiretas não são habitualmente aceites no Estilo Vancouver, a não ser expressamente autorizadas pelo tutor do trabalho.

Compreendendo o

Processo Passo a

Passo

O Estilo Vancouver obedece a critérios muito claros na referênciação, que devem ser tidos em conta:

1. Confirmar sempre com o docente ou no Guia da UC, se pode utilizar o Estilo Vancouver no trabalho académico solicitado;
2. Cumprir as orientações segundo o Estilo Vancouver para a referênciação das fontes consultadas;
3. Consultar os recursos sugeridos no item deste documento *onde saber mais sobre o assunto*;
4. Ter presente os exemplos de citação no texto:
Segundo Estrela (5), as citações de extensão breve não devem ultrapassar três linhas de texto ou segundo Estrela⁵, as citações de extensão breve (...).

Exemplos de Orientações para a lista de referênciação final de trabalhos académicos, segundo o estilo Vancouver:

1. Um Autor:

O apelido do autor deve ser mencionado com letras minúsculas exceto a primeira letra, seguido das iniciais dos primeiro e segundo nomes próprios, sem vírgula entre o apelido e as iniciais do nome e sem ponto entre as iniciais do nome.

- Nunes LR

2. Vários autores:

Citar todos os autores, separados por vírgula. Utiliza-se a expressão “et al” ou “e outros” a partir do sexto autor. Os autores devem estar referenciados por ordem alfabética do apelido.

- Cerqueira AF, Gato AP, Gosta FG, Leal FP, Nunes LR, Ramos AL

3. Livro impresso:

Apelido e nomes próprios do(s) autor(es) do livro. Título do livro. Edição. Local de publicação: editora; Ano de publicação.

23. Dias G. Conheça este poeta: poesias seleccionadas. 11.ed. Rio de Janeiro:Agir;1983.
24. Lima J, Soares M, Silva C. Química aplicada. 2.ed. São Paulo: Globo;1984.

4. Artigo de revista impresso:

Apelido e nomes próprios dos Autor(es) do artigo. Título do artigo. Título da revista abreviada. Data de publicação (ano mês dia); volume (número):páginas inicial-final do artigo.

25. Martinez AME. A evolução das redes eletrônicas de comunicação e o uso estratégico de Intranet por unidades de informação. Infor&Infor. 2000 jul-dez;5(2):81-92.

5. Livro em formato eletrônico

Autor(es). Título [suporte]. Local de publicação: Editora; data de publicação [data de acesso com a expressão "acesso em"]. Endereço do site com a expressão "Disponível em:"

26. Meleis A. Transitions Theory [Internet]. New York: Springer Publishing Company, LLC;2010 [acesso em 2012 jun 27]. Disponível em: http://taskurun.files.wordpress.com/2011/10/transitions_theory_middle_range_and_situation_specific_theories_in_nursing_research_and_practice.pdf

Onde Saber Mais
sobre o Assunto?

Para obter mais informação sobre o Estilo de Vancouver, sugere-se consulta nos sites *online* em:

- <http://www.nejm.org/>
- http://www.nlm.nih.gov/bsd/uniform_requirements.html
- <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/bv.fcgi?rid=citmed.TOC&depth=2>
- <http://www.unoeste.br/site/biblioteca/documentos/Manual-Vancouver.pdf>

Referências

1. International Committee of Medical Journal Editors. Uniform requirements for manuscripts submitted to biomedical journals. Special Report. [Internet]. 2009 Nov 8. [acesso em 2013 mai 4]. Disponível em: <http://www.nejm.org/>
2. Andalia RC. Referencias bibliográficas según el estilo Vancouver: Citing medicine es la fuente de consulta por excelencia. Acimed. 2009;19(6). Disponible en: Dirección electrónica de la contribución [acesso em 2013 jun 24]. Disponível em: <http://scielo.sld.cu/scielo.php>
3. Rother E, Braga M. O novo estilo de Vancouver: o que mudou nas referências. Arquivos brasileiros de oftalmologia. 2004 julho/agosto;vol:67(4). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-27492004000400025
4. Nacional Library of Medicine (US) [Internet]. Bethesda (MD): National Institutes of Health; c2003-2013 [atualizado 2013 aug 20;acesso em 2013 aug 29]. Disponível em: http://www.nlm.nih.gov/bsd/uniform_requirements.html
5. Estrela E, Leitão MA, Soares MJ. Saber escrever uma tese e outros textos. Um guia para apresentar corretamente os seus trabalhos e outros documentos. 9ª ed. Lisboa: D. Quixote;2013.
6. Azevedo M. Teses, Relatórios e Trabalhos Escolares, sugestões para a estruturação da escrita. 8.ª ed. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; 2011.
7. Rodrigues J. Manual de Elaboração de Referências Bibliográficas: Normas de Vancouver [Internet]: [editora desconhecida]; 2004 [acesso em 2012 nov 9]. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/19710515/Normas-de-Vancouver>
8. Evaristo AM, Oliveira M. Manual de Referências Conforme o Estilo de Vancouver [Internet]. [acesso em 2012 out 25]. Disponível em: <http://www.unoeste.br/site/biblioteca/documentos/Manual-Vancouver.pdf>



Ficha Síntese 6

Ficha de Leitura

Contextualização **U**ma Ficha de Leitura é um documento que se constrói durante a leitura de uma obra^{1,2}. Nesta, regista-se informação importante tendo em conta os objetivos do trabalho que se pretendem realizar (trabalho sistemático e original onde é pretendido a conciliação da informação sobre um tema, proveniente de várias Fichas de Leitura, com a sua própria interpretação e reflexão).

Podemos distinguir dois tipos de Fichas de Leitura, designadamente a: 1) ficha com a qual se pretende resumir as principais ideias do texto visando evitar consultar novamente o documento, permitindo a sua utilização em distintos trabalhos; 2) ficha, que também é denominada por Nota de Leitura (visa distingui-la da anterior), onde apenas se pretende reter as ideias do autor que são pertinentes para o trabalho que se está a realizar no momento (é em relação a este tipo de Ficha de Leitura que a presente Ficha Síntese se refere).

Aquando da realização de um trabalho, na fase da pesquisa bibliográfica, lêem-se textos de diferentes autores, desenvolvendo concomitantemente as Fichas de Leitura inerentes, o que permite aperfeiçoar os objetivos do estudo e estes, por si, determinam um novo conjunto de textos, novas leituras e realização de novas Fichas de Leitura^{1,p51}. São os objetivos do trabalho que orientam a leitura a condensar nas Fichas de Leitura. Estas não devem conter resumos de uma obra, mas sim os resumos das ideias nela contidas e que são diretamente relacionados com os desígnios enunciados pelos objetivos.

Finalidade/Objetivos **A** Ficha de Leitura visa o registo da recolha de ideias apresentadas numa obra pelo(s) seu(s) autor(es), de forma sistematizada. Apresentam-se como objetivos: 1) sintetizar o produto da leitura de uma obra, valorizando a(s) ideia(s) do(s) autor(es); 2) guardar o produto da leitura refletida de uma obra; 3) consultar o produto sempre que necessário.

Esta Ficha Síntese tem como finalidade a aprendizagem do estudante na construção de Fichas de Leitura.

Definição **É** um documento personalizado (instrumento de trabalho do seu autor que se dirige exclusivamente a ele) onde se regista de forma resumida a informação recolhida do(s) documento(s) consultado(s) sobre uma determinada temática (entenda-se por documento, o livro, o texto, o artigo, entre outros., que podem apresentar-se em formato impresso, em suporte digital ou online).

Princípios **N**a elaboração de uma Ficha de Leitura deve-se ter em conta os seguintes aspetos:

Orientadores/

1. A leitura da obra deve conter palavra(s)-chave/expressão(ões) dos

Compreendendo o
Processo Passo a
Passo

- objetivo(s) do trabalho. A pesquisa pode também ser realizada em obras escritas em outra(s) língua(s);
2. A Data de leitura/consulta da obra;
 3. A referência completa da obra consultada deve ser colocada de forma visível a um olhar casual pela Ficha de Leitura (de modo que permita ao autor voltar a localizar o texto em causa a partir desses elementos, assim como a realizar corretamente a sua referência na bibliografia do trabalho). A informação colocada pode ser mais do que a referente à obra, como por exemplo, em que biblioteca foi consultada, cota, prateleira... página web...
 4. A sinopse das ideias principais (2 a 3 parágrafos) deve constituir o segundo ponto da Ficha de Leitura, contudo como resume o que a Ficha contém, só pode ser redigida no final. A sua redação deve ser explícita e hierarquizada, nomeadamente primeiro deve ser enunciada a principal ideia do autor do texto e depois a(s) ideia(s) importante(s) para com os objetivos do trabalho.
 5. Para melhor apreciação da obra deve-se proceder à sua leitura na íntegra e proceder a uma segunda leitura, tentando obter a maior compreensão do texto e depois segmentar o mesmo (se este for reduzido, pode-se retirar uma ideia de cada parágrafo: se for extenso, este processo pode realizar-se por capítulos ou subtítulos). É necessário ter presente que condensar é perder, que na ficha só nos interessa conservar o que se nos afigura relevante.
 6. Pode optar-se por manter a estrutura do texto original ou idealizar uma estrutura que se considere mais adequada à ficha. A estrutura deve ser explícita, logicamente articulada e hierarquizada, com as suas divisões (seções/capítulos) encimadas com títulos que se podem evidenciar em negrito.
 7. É importante salvaguardar-se a referência às páginas da obra original. Quando se menciona a ideia de um autor deve-se referenciá-lo com o seu apelido, ano em que a obra foi editada e o número da(s) página(s) onde se encontra a ideia, pelo que esta informação deve constar na Ficha de Leitura. A forma como se escreve um texto deve seguir uma norma ou estilo, pelo que esta opção deve ser anunciada e ser seguida em todo o trabalho. Por vezes a Norma ou Estilo é uma das solicitações em trabalhos académicos, editores de revistas (Para melhor entendimento deve consultar as Fichas Síntese n.º3, 4 e 5, respetivamente NP405, APA e Vancouver).
 8. A autonomia do autor da Ficha. Este pode colocar os seus comentários, reflexões sobre a leitura realizadas, nomeadamente pode fazer chamada(s) de atenção para uma contradição em relação à ideia de um outro autor, ou para procurar mais informação sobre a ideia, etc. Estes comentários, por exemplo, podem ser escritos numa outra cor.
 9. As citações⁸ do texto colocadas na Ficha devem ser as que se consideram pertinentes e com possibilidade de virem a ser incorporadas no texto do trabalho. Em caso de se encurtar ou se transformar a frase do autor, querendo conservar o estatuto de citação, deve-se colocar a sinalética (...) caso seja no início, no meio ou no fim da frase.
 10. Outros autores são referenciados pelo autor da obra e podem estar correlacionados com os objetivos do trabalho em elaboração, para

⁸ Entende-se por **citação** “a inserção, no decorrer de um texto, de uma informação pertencente a uma fonte indicada, quando são reproduzidas as próprias palavras da fonte citada” ^{2,p79}

sua posterior consulta.

Onde Saber Mais Para saber mais sobre Ficha de leitura sugere-se a consulta *online* em:

Sobre o Assunto?

- *Fichas de Leitura 2002-2008* de Peixoto P. Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra. Disponível em: http://www4.fe.uc.pt/fontes/restos/fichas_de_leitura.htm

Referências

1. Quivy R, Campenhoudt LV. Manual de investigação em ciências sociais. Lisboa: Grandiva, 1992.
2. Estrela E, Leitão MA, Soares MJ. Saber escrever uma tese e outros textos. Um guia para apresentar corretamente os seus trabalhos e outros documentos. 9ª ed. Lisboa: D. Quixote;2013.



Ficha Síntese 7

Trabalho Escrito

Contextualização “É pela linguagem que nos dirigimos ao mundo. A linguagem fala do que está para além dela, fala das coisas e do mundo. Ordenamos palavras, criamos frases, damos sentido aos enunciados, pomos ordem nos pensamentos. O pensamento anima e orienta a comunicação, fixa-lhe limites, e dá conteúdo à linguagem”^{1,p175}.

A linguagem, escrita ou falada, transmite uma mensagem, ideias e/ou sentimentos.

A escrita é uma estratégia de relevo que faz emergir competências ao nível da coesão, da coerência, da ortografia, do léxico, das características das diferentes tipologias textuais e do conhecimento em geral. É um processo complexo de resolução de problemas que contribui para o desenvolvimento cognitivo do estudante. “Aprende-se a escrever, escrevendo e refletindo seja sobre o pensamento a desenvolver, seja sobre o processo que desencadeia esse mesmo pensamento”^{2,p241}.

A aquisição da competência da escrita é fundamental para um estudante do ensino superior, solicitado constantemente a sistematizar o seu pensamento, na redação de trabalhos académicos.

Os trabalhos escritos podem ser realizados tendo em conta diferentes finalidades, contextos e assumirem diferentes designações de acordo com as suas singularidades (monografias, relatórios, artigos, entre outros).

A elaboração de um trabalho escrito segue determinados critérios e regras, que têm como intuito uma melhor orientação por parte de quem os realiza e de quem os lê e/ou avalia.

Se o trabalho é para ser apresentado em suporte digital, via Moodle, por exemplo, este deve seguir as mesmas regras que para um trabalho em suporte de papel.

É sobre esses critérios e regras, entre outros aspetos que nos ajudam a tornar o processo da escrita mais claro e global, que nos vamos centrar nesta Ficha Síntese.

Finalidade/Objetivos A elaboração de um trabalho escrito visa aprofundar um ou mais conhecimentos e/ou divulgar saber, concedendo, à pessoa que o realiza, maiores capacidades para a produção de futuros trabalhos académicos e científicos. Esta Ficha Síntese tem como finalidade contribuir para a aprendizagem dos estudantes na elaboração de um trabalho escrito, descrevendo os elementos que o constituem e os principais critérios a atender no seu planeamento e organização. Alguns dos objetivos dos trabalhos escritos visam: 1) servir como elemento de avaliação de uma UC; 2) descrever um tema específico bem fundamentado que pode ou não incluir informação nova sobre esse tema (trabalho de investigação)³.

Definição Processo de escrever sobre um determinado tema, ideia e/ou sentimento, onde o autor realiza funções, de acordo com a intenção: aprender, expressar,

organizar, opinar, registar e/ou partilhar ².

Em contexto académico, o trabalho escrito pode ser realizado individualmente ou em grupo e ter ou não a coordenação de um orientador, podendo assumir diferentes designações, sendo uma das mais comuns, o relatório.

Princípios Orientadores

Para iniciar um trabalho escrito é essencial ter em consideração as 3 fases de um processo de escrita:

1. Planificação;
2. Redação;
3. Revisão².

Na planificação é importante definir os objetivos que se desejam atingir e o texto a construir, sendo fundamental delimitar o tema e refletir sobre o que se sabe e o que não se sabe sobre o mesmo. Esta etapa requer uma pesquisa detalhada e bem fundamentada sobre o assunto a retratar, devendo ser complementada ao longo do trabalho.

A redação consiste em passar para o papel o pensamento. Esta etapa deve obedecer a critérios de ordem geral: “a capacidade de síntese, a sequência lógica do texto e articulação do exposto, a terminologia científica e a correção linguística adequadas, a bibliografia válida, pertinente e atual, o respeito pelas normas de elaboração de trabalhos escritos, a fidelidade às fontes e a expressão da criatividade do seu autor”³.

A revisão é fundamental no decorrer do processo e na sua finalização. O esquecimento desta etapa pode implicar incongruências no texto e erros desnecessários, colocando em causa a qualidade do trabalho escrito.

Compreendendo o Processo Passo a Passo

Um trabalho escrito deve ser realizado com base em alguns critérios (habitualmente espelhados no manual de normas para a elaboração de trabalhos escritos da instituição na qual é desenvolvido o trabalho).

Estes critérios estão relacionados com: 1) estilo e formatação; 2) estrutura, como no caso do Guia Orientador para a elaboração de trabalhos escritos do DE da ESS do IPS³, constituindo-se uma das nossas principais referências.

Em relação ao estilo e formatação devem ser tidos em conta aspetos como o arranjo e a composição gráfica e o estilo e discurso.

Em relação à estrutura, um trabalho escrito deve contemplar 3 partes distintas:

1. **A parte pré-textual;**
2. **A parte textual;**
3. **A parte pós-textual.**

A parte pré-textual inclui uma capa, folha de rosto, resumo com palavras-chave, índice geral e outros índices (se adequado). Opcionalmente, pode ainda incluir uma errata, dedicatória, epígrafe, agradecimento(s), lista de abreviaturas e/ou siglas e glossário. A capa e a folha de rosto podem ter que seguir diretrizes da instituição em que se desenvolve o trabalho. Na ESS-IPS a capa deve ter no seu canto superior esquerdo o logotipo do IPS-ESS, centrado deve conter:

A capa pode ser de cor e ter uma imagem de fundo (centrada) de forma que não desfigure o logotipo. A imagem deve ser correlacionada com o tema que trata o trabalho.

A folha de rosto é a que se segue imediatamente à capa e deve seguir a mesma estrutura exceto o logotipo e a imagem que devem ser apresentados sem cor, apenas nas tonalidades intermédias entre o branco e o negro. Os estudantes devem assinar à frente do seu nome e a data deve esclarecer o dia e o mês, como no exemplo:

- Setúbal, 24 de Setembro de 2013

A parte textual deve ser estruturada em:

1. **Introdução;**
2. **Desenvolvimento;**
3. **Conclusão.**

A **Introdução** do trabalho deve apresentar: (1) a contextualização do trabalho; (2) a contextualização do tema; (3) a justificação da escolha do tema ou relevância do estudo; (4) a definição de objetivos; (5) a apresentação da estrutura e (6) a norma de referência utilizada.

O **Desenvolvimento** é a parte mais substancial do trabalho, onde os assuntos são apresentados e o tema desenvolvido, com base nos objetivos a alcançar e suportado por autores e documentos pertinentes, que orientam a fundamentação/reflexão.

A **Conclusão** do trabalho deve apresentar: (1) a síntese dos aspetos significativos; (2) a análise dos objetivos e (3) enriquecimento individual/sugestões/limitações.

A parte pós-textual inclui os elementos finais do trabalho como as referências (bibliográficas, audiovisuais ou eletrónicas), anexos e apêndices³.

Onde Saber Mais Sobre o Assunto?

Para obter mais informação sobre o Trabalho Escrito sugere-se consulta *online* em:

- *Escrita na História da Humanidade* de Eduardo de Castro Gomes em: <http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no3/EduardoAspectosdaescritanaHistoriadahumanidade.pdf>
- *Teses Relatórios e Trabalhos Escolares* de Mário Azevedo. Disponível em: <http://dulce-campos.com/wordpress/wp-content/uploads/2011/11/teses-relat%C3%B3rios-e-trabalhos-escolares.pdf>
- *Como se faz uma tese em ciências humanas* de Umberto Eco. Disponível em: <http://sociofespsp.files.wordpress.com/2012/08/eco-umberto-como-se-faz-uma-tese-livro-completo.pdf>

Referências

1. Henriques Mendo, Barros Nazaré. Olá Consciência! Uma viagem pela filosofia. 1ª edição. Carnaxide: Prisa Edições; 2013.
2. Teixeira Madalena, Novo Cristina, Neves Elisabete. Abordagens relevantes para o ensino da escrita – Do papel ao digital. Interações [internet] 2011 [acesso em 2013 jul 24]; (19): 238-258. Disponível em: <http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/538/1/S14%20-%20Teixeira,%20Novo%20%26%20Neves.pdf>
3. Departamento de Enfermagem. Guia Orientador para a Elaboração de Trabalhos Escritos. Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal - Escola Superior de Saúde; 2011 [acesso em 2012 nov 13]. Disponível em: <http://moodle.ess.ips.pt/login/index.php?id=4383>



Ficha Síntese 8

Relatório

Contextualização

Na ficha síntese anterior abordou-se o trabalho escrito. Nela fez-se referência a conceitos como a linguagem e a escrita (a linguagem como transmissora de uma mensagem, ideias e/ou sentimentos; a escrita como competência fundamental a ser desenvolvida pelo estudante no ensino superior). Sendo o relatório um tipo de trabalho escrito, estes conceitos voltam a estar presentes na reflexão acerca deste instrumento de ensino-aprendizagem.

O relatório é um documento escrito, solicitado inúmeras vezes aos estudantes do ensino superior, nomeadamente no CLE em contexto de ensino clínico/estágio. Neste, o estudante descreve e analisa o seu percurso, realizando uma análise crítica das competências desenvolvidas.

De acordo com estas ideias abordar-se-á, nesta Ficha Síntese, o Relatório de Ensino Clínico/Estágio, pela sua relevância na aprendizagem dos estudantes de enfermagem.

O Relatório de Ensino Clínico/Estágio envolve necessariamente um pensamento crítico e reflexivo e por esse motivo também parece importante abordar o conceito de prática reflexiva.

Nas ciências da educação, a prática reflexiva situa-se no paradigma reflexivo ou da reflexividade crítica, onde a pessoa, sujeito de aprendizagem, é um ser em transformação, que se conhece a si próprio como ser pensante, atuando no mundo que o rodeia e conhecendo os referentes que lhe permitem interpretá-lo e transformá-lo (...) “Mais que um conceito, a prática reflexiva é um modo de estar na ação que, por via da intencionalidade e consciência crítica, capacita o sujeito para agir na incerteza e imprevisibilidade que a complexidade das situações hoje transporta”^{1, p.90}.

Finalidade/Objetivos

O Relatório visa transmitir e registar a experiência do autor no processo e resultados que obteve. Esta ficha síntese tem como finalidade a aprendizagem dos estudantes na elaboração de um tipo de trabalho escrito – o Relatório de Ensino Clínico/Estágio, descrevendo os elementos que o constituem e os principais critérios a atender no seu planeamento e organização. Pode assumir como objetivos: 1) informar; 2) analisar e resolver problemas; 3) apresentar e/ou sugerir mudanças; 4) apresentar os resultados de uma atividade, investigação e/ou projeto².

Definição

O Relatório de Ensino Clínico é um trabalho escrito, no qual o estudante faz o relato e análise do processo de ensino – aprendizagem, decorrente de atividades e experiências vivenciadas em determinados contextos (de natureza hospitalar e/ou comunitária) balizadas por um período temporal, constituindo-se como instrumento de aprendizagem e simultaneamente como instrumento de avaliação¹⁻³.

Princípios Orientadores

Para iniciar um Relatório é essencial ter em consideração as 3 fases de um processo de escrita abordadas na Ficha Síntese anterior (N.º 7).

O Relatório requer um processo cíclico de escrever e reescrever, obedecendo a reflexões constantes nas suas diferentes etapas, nomeadamente: 1) na organização da informação (índice); 2) no desenho da estrutura; 3) no desenvolvimento da escrita; 4) na revisão e edição².

Um Relatório deve ter uma linguagem clara, precisa e sintética, com uma terminologia científica e de fácil leitura³.

Compreendendo o Processo Passo a Passo

Um Relatório de Ensino Clínico/Estágio deve ser realizado, tendo por base os critérios e normas gerais de qualquer trabalho escrito, devendo obedecer ao manual de normas para a elaboração de trabalhos escritos da instituição na qual é desenvolvido. Esta Ficha Síntese é suportada no Guia Orientador para a elaboração de trabalhos escritos do DE da ESS-IPS³.

Tendo em conta o referido, apenas nos vamos centrar nas singularidades deste tipo de trabalho escrito, nomeadamente em relação à sua parte textual: (1) introdução; (2) desenvolvimento; (3) conclusão.

1. A **introdução** deverá incluir a importância do ensino clínico/estágio para a formação; a entidade onde decorreu o ensino clínico/estágio; a contextualização (temporal e espacial); os objetivos (definidos pela UC e identificados pelo estudante); o nome do orientador, do professor e do responsável da unidade curricular e a estrutura do relatório.
2. No **desenvolvimento** devem ser descritas as atividades desenvolvidas, ordenadas de forma sequencial e temporal. Pode ser realizada uma divisão do texto em secções enumeradas (algarismos arábicos) para uma melhor organização. A descrição deverá ser baseada em referenciais teóricos e ser acompanhada de reflexão sobre as competências desenvolvidas e os resultados esperados.
3. Na **conclusão** é essencial sintetizar a importância do ensino clínico/estágio na aprendizagem, enunciar as dificuldades encontradas, apresentar possíveis sugestões e recomendações para melhorar o processo. É esperado que o estudante seja capaz de refletir sobre a experiência vivida, o cumprimento dos objetivos e respetiva análise.

Onde Saber Mais Sobre o Assunto?

Para obter mais informação sobre o Relatório sugere-se consulta *online* e bibliográfica em:

- *Abordagens relevantes para o ensino da escrita – Do papel ao digital* de Madalena Teixeira e Cristina Novo. Disponível em: <http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/538/1/S14%20-%20Teixeira,%20Novo%20%26%20Neves.pdf>
- *Saber escrever: Uma tese e outros textos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote; 2006.
- *Teses Relatórios e Trabalhos Escolares* de Mário Azevedo. Disponível em: <http://dulce-campos.com/wordpress/wp-content/uploads/2011/11/teses-relat%C3%B3rios-e-trabalhos-escolares.pdf>

Referências

1. Santos EMM. A aprendizagem pela reflexão em ensino clínico. Estudo qualitativo na formação inicial em enfermagem [internet] Aveiro: Universidade de Aveiro [consulta a 2013 Jul 26] Disponível em: <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/1487/1/2009001173.pdf>
2. Study Learning Centre. Writing a report [internet] RMIT University; 2008. Disponível em: https://www.dlsweb.rmit.edu.au/lsu/content/pdfs/2_assessmenttasks/super_report.pdf
3. Departamento de Enfermagem. Guia Orientador para a Elaboração de Trabalhos Escritos. Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal - Escola Superior de Saúde; 2011 [acesso em 2012 Nov 13]. Disponível em: <http://moodle.ess.ips.pt>



Ficha Síntese 9

Artigo Científico

Contextualização “O conhecimento marca a diferença. Aquilo que fui, aquilo que sou ou virei a ser, é moldado pelo conhecimento. Conhecer é crescer. Conquistamos novas ferramentas para atuar, novos olhos para ver, novo entendimento para compreender”^{1, p52}.

O conhecimento pode ser adquirido de diferentes formas, contudo, de todos os métodos de aquisição de conhecimento, o científico “é o mais rigoroso e aceitável, uma vez que assenta num processo racional”^{2, p17}.

O artigo científico constitui uma das formas mais comuns de transmissão de conhecimento científico, sendo fundamental numa investigação, uma vez que permite a publicação de resultados, informando e dando a conhecer a um público-alvo determinada pesquisa.

Os resultados apresentados podem e devem ser aplicados ao nível da prática profissional. Assim, devem ser válidos, importantes e apresentarem-se como novidade³.

O artigo científico é editado em publicações ou em sites científicos. Pode ser de carácter académico ou não³, sendo comum a profissionais com nível académico mais elevado e investigadores⁴.

Finalidade/Objetivos O artigo científico tem como finalidade transformar as informações do autor em conhecimento científico⁵, permitindo a divulgação (científica) e a transferência do conhecimento de novas descobertas, desenvolvimento de novos materiais, técnicas e métodos de análise⁶.

Esta Ficha Síntese tem como finalidade a aprendizagem dos estudantes na elaboração de um artigo científico. Apresentam-se como objetivos: 1) descrever os elementos que constituem um artigo científico; 2) apresentar os principais critérios a atender no seu planeamento e organização.

Definição O artigo científico pode ser definido como um texto que consiste em apresentar um estudo ou resultados de uma pesquisa com autoria expressa, sendo redigido de forma clara e sucinta^{6,7}. Consiste num trabalho (apresentado em forma de texto) que engloba uma parte teórica/argumentativa e outra empírica, permitindo comprovar os argumentos apresentados.

Princípios Orientadores Para que um artigo seja lido, citado e utilizado é fundamental a sua divulgação, de preferência num periódico científico que utiliza o procedimento de revisão por pares⁶.

O artigo científico implica: 1) que a investigação seja original; 2) autoria (um ou mais autores); 3) metodologia científica; 4) capacidade de análise; 5) público-alvo.

Deve ser desenhado tendo em conta uma linguagem clara, objetiva e técnico-científica, devendo obedecer aos critérios e regras gerais do periódico a que

se destina.

A criatividade também é uma característica importante, na medida em que levará a um maior interesse por parte do leitor. Sendo um trabalho escrito de domínio público, é essencial ter em atenção, na sua construção, às 3 fases de um processo de escrita (descritas na Ficha Síntese do trabalho escrito: N.º7).

Compreendendo o Processo Passo a Passo

O artigo a desenvolver deve respeitar os critérios preconizados pelo periódico em questão. Na generalidade os artigos científicos devem contemplar:

1. **Título** (subtítulo)⁶.
2. Nome do **autor**, (e referência a títulos profissionais e/ou graus académicos)⁶.
3. **Resumo**: consiste num breve texto que deve abordar as ideias relevantes do trabalho (seguindo a tipologia do artigo: Introdução c/ contextualização do problema de pesquisa; Objetivos; Material e Métodos; Resultados; Discussão e Conclusões), podendo ser escrito em língua materna e estrangeira (inglês), contendo até 250 palavras num único parágrafo⁶.
4. **Palavras-chave**: conjunto de palavras que identificam o assunto do artigo em português e em língua estrangeira (inglês)⁶.
5. **Introdução**: situa o leitor no âmbito do tema desenvolvido⁶.
6. **Material e métodos**: descrevem os materiais utilizados como também o procedimento, ou seja, todos os passos da experiência⁶.
7. **Resultados**: apresentam as evidências do estudo de forma clara e objetiva sem opiniões pessoais. Os resultados são expostos em texto, sendo complementados com gráficos, figuras e tabelas devidamente legendados^{4,6}.
8. **Discussão/conclusão**: consiste na análise e interpretação dos resultados, respondendo à problemática. Deve ainda apontar os contributos para a sociedade, bem como as dificuldades e as limitações sentidas^{4,6}.
9. **Referências**: servem para mencionar as fontes de informação de acordo com as normas estabelecidas^{4,6}.
10. **Apêndice e/ou anexo**: são facultativos. O apêndice é realizado pelo autor, o anexo não. São ambos utilizados para complementar a argumentação, pelo que este último é também utilizado para validação e ilustração do artigo⁶.

Onde Saber Mais Sobre o Assunto?

Para obter mais informação sobre o Artigo Científico, sugere-se consulta *online* e bibliográfica em:

- *How to write a scientific article* de Kenneth Carpenter. Disponível em:
<http://www.aapsjournal.org/submission%20pdf/How%20to%20Write%20a%20Scientific%20Paper.pdf>
- *Da investigação à publicação: Como escrever um artigo científico* de José Luís Nascimento e Albino Lopes. Itinerários. 2007 (5): 11-24. ISSN 0870-418.

Referências

1. Henriques M, Barros N. Olá Consciência! Uma viagem pela filosofia. 1ª edição. Carnaxide: Prisa Edições; 2013.
2. Fortin MF. O Processo de Investigação: da concepção à realização. 3ª edição. Loures: Lusociência; 2003.
3. Fierro EH, Gonzalez MI. Elaboración de un artículo científico de investigación. Ciencia y Enfermería. 2004 [acesso em 2013 Jul 27] X (1):17-21. Disponível em:
<http://www.scielo.cl/pdf/cienf/v10n1/art03.pdf>
4. Friedlander MR, Abués-Moreira MT. Análise de Um Trabalho Científico: Um Exercício. Rev Bras Enferm. 2007 set-out [acesso em 2013 Jul 27] 60(5):573-8. Disponível em:
<http://www.redalyc.org/pdf/2670/267019610017.pdf>
5. Pereira, MG. Estrutura do artigo científico. Epidemiol. Ser. Saúde [internet] 2012 abr-jun [acesso em 2013 Jul 27] 21(2): 351-352. Doi:10.5123/S1679-49742012000200018. Disponível em:
<http://scielo.iec.pa.gov.br/pdf/ess/v21n2/v21n2a18.pdf>
6. Andrade I, Lima M. Manual para a elaboração e apresentação de trabalhos científicos: Artigo Científico. Campo dos Goytacazes. 2007;
7. Azevedo I. O prazer da produção científica: descubra como é fácil e agradável elaborar trabalhos acadêmicos. 12ª ed. São Paulo: Hagnos, 2001.



Ficha Síntese 10

Dossier Temático

Contextualização O termo Dossier é herdado da língua francesa e a sua aplicação generalizou-se no meio académico apesar de os defensores da pureza da língua portuguesa sugerirem o uso dos termos, documentação, arquivo, processo ou pasta. Pode adotar o cariz de apresentação digitalizada (através do software Word do Microsoft Office e do programa Acrobat PDF usando os meios informáticos atuais, que resultam na proposta mais económica. Podem utilizar-se vídeos (realizados pelo autor ou não). Ajusta-se a vários tipos de utilização, designadamente ser de cariz pedagógico; ser de cariz profissional ou ser de utilização livre. No objetivo académico/pedagógico (no DE) pode constituir-se num instrumento de aprendizagem e/ou elemento de avaliação de uma UC. Normalmente refere-se a um tema de um conteúdo programático, com orientação tutorial docente, com objetivos e resultados esperados definidos em Guia de Elaboração de Dossier Temático fornecido pelo regente da UC. Caracteriza-se pela consulta fácil, rápida e eficiente, pela qualidade e atualidade dos textos recolhidos e pelo pensamento crítico-reflexivo elaborado sobre os mesmos. Cada texto colocado no dossier deve ter a análise pessoal baseada numa prática reflexiva que deve caracterizar o(s) estudante(s) (de enfermagem), seu(s) autor(es), enquanto sujeito(s) em construção para agir em disposição de dúvida e imprevisibilidade que as situações do quotidiano da profissão suportam. Os seus textos⁹ constituintes são os documentos originais recolhidos, a sua análise pormenorizada, crítico-reflexiva com base nas teorias e aprendizagens adquiridas/desenvolvidas ao longo do curso, pelo(s) autor(es) do Dossier. Aquando da sua construção devem ser tidos em conta os parâmetros de avaliação: estrutura geral; introdução; documentos; fichas de leitura, resumos; respeito pela norma ou estilo de apresentação de trabalhos adotada.

Finalidade/Objetivos A realização de um Dossier Temático, em ambiente académico, tem como finalidade que o seu autor/estudante obtenha ou aprofunde conhecimentos na temática do trabalho e desenvolva competências na leitura, análise crítica construtiva do lido e da composição escrita da análise reflexiva dos documentos que fazem parte do Dossier Temático e tem como objetivos: (1) apresentar uma pesquisa efetuada, temporalmente limitada, sobre um determinado tema com vista a expor os documentos recolhidos; (2) apresentar a sua reflexão/discussão crítica escrita pelo(s) autor(es) à luz da teoria, da cientificidade e evidência.

⁹ Textos fotocopiados ou impressos (notícias ou recortes de jornais ou de revistas, partes de livros, textos da Internet, artigos, entrevistas,...), imagens (fotografias, reproduções de obras de arte, postais ilustrados, banda desenhada, desenhos feitos pelo autor ou outros,...), gráficos ou textos escritos pelo(s) autor(es) como trabalhos apresentados noutras Unidades Curriculares, (Resumos, Fichas de Leitura elaboradas,...).

Esta ficha síntese tem como finalidade a aprendizagem dos estudantes na elaboração de um Dossier Temático, descrevendo os elementos que o constituem e os principais critérios a atender no seu planeamento e organização.

Definição Consiste no arquivo ou coleção de documentos, de fácil e eficiente consulta, sobre um determinado assunto/temática, pelo que se denomina Dossier Temático. Assim, deve conter documentos relativos a um demarcado tema e referente a um espaço temporal definido, que se pesquisou tendo em conta o(s) objetivo(s) da sua elaboração (académicos, para arquivo, para consulta...)¹.

Princípios Orientadores Antes de iniciar o Dossier Temático é relevante que o tema esteja bem delimitado e definido com clareza e rigor, evitando que seja demasiado abrangente. Devem ser clarificados: 1) os objetivos do Dossier; 2) a delimitação temporal (quer para a procura dos documentos quer na data da sua conceção) e 3) a definição do(s) método(s) de recolha de dados (ex.: através de Ficha de Leitura).

Compreendendo o Processo Passo a Passo Na organização de um Dossier Temático é essencial termos em conta os seguintes aspetos:

1. De início esboçar um plano de apresentação dos documentos que pode tomar a forma de índice, de lista, de rol, de index,... (concluído no final da elaboração do Dossier) e deve ser colocado no início do Dossier para que através da sua consulta, o leitor possa rapidamente deduzir o conteúdo apresentado no Dossier sobre a temática em apreço, assim como aumentar a facilidade de consulta.
2. A organização e disponibilização da informação ao leitor devem ser apresentadas de forma equiponderada e não exaustiva, evitando o mesmo tipo de conteúdo seguido, equilibrando imagem e texto; associando texto pessoal e texto fotocopiado.
3. Pode ser ou não paginado, pois o que importa é ser-se criativo ao ponto de qualquer pessoa possa chegar ao documento pretendido de forma inteligível e célere.
4. A apresentação e disposição gráfica devem ser planeadas tendo em conta a temática e o público-alvo a que se dirige. Por exemplo: se a opção for um Dossier em formato de papel A/4 pode seguir a seguinte sequência: a) Folha de Rosto; b) Índice; c) Introdução; d) Diferentes documentos anunciados pela Ficha de Leitura correspondente e respeitando a ordem anunciada no índice; e) Conclusão onde são sintetizados os aspetos mais relevantes (e correlacionada com a introdução); f) Referência das fontes usadas.

Onde Saber Mais Sobre o Assunto? Para obter mais informação sobre Dossier Temático, sugere-se consulta online em:

- *Técnicas de trabalho: Organizar Dossiers Temáticos* da Escola Secundária José Belchior Viegas, Disponível em: http://www.rbe.min-edu.pt/news/newsletter3/como_organizar_dossiers_tematicos.pdf
- *Dossier Temático. O que é?* Do Colégio Minerva da Universidade de Évora. Disponível em: http://www.minerva.uevora.pt/bib-es-campo-maior/docs/Dossier_tematico.pdf

Referência

1. Pessoa A. Como organizar um dossier temático? [Texto Policopiado] Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Educação, Centro de Recursos Educativos; 1991.



Contextualização “A palavra Portefólio tem a sua origem no vocábulo “portafoglio”, por meio do inglês “portfólio”. O termo deriva do verbo italiano “portare”, que significa transportar e do substantivo “foglio”, que designa folha”^{1, p28}. O entendimento de portefólio assume um conceito vasto e abarca uma multiplicidade de aceções dada a possibilidade de ser utilizado em diferentes contextos.

Foi nos Estados Unidos, nas últimas décadas do século XX, que o portefólio começou a ser disseminado no campo pedagógico e desde então vem sendo referido como um dos elementos de avaliação nos diferentes processos formativos¹.

Este instrumento, de uso didático, de ensino e aprendizagem apesar de ser encarado como uma derivação do Dossier Temático, distingue-se em termos de filosofia de ensino-aprendizagem. O Dossier Temático representa uma racionalidade, redutora e simplista de cariz tecnicista e instrumental enquanto o paradigma que está subjacente ao uso de um Portefólio é de uma filosofia de aprendizagem, apoiada num procedimento de ensino-aprendizagem de investigação/ação/formação. Este, pressupõe a aquisição e o desenvolvimento de um perfil de competências metacognitivas e meta reflexivas sobre o conhecimento teorizado que nele se procura evidenciar².

Na leitura e análise de um portefólio evidenciam-se os conhecimentos, as motivações, os interesses, os valores e a experiência vivida pelo autor. Este elemento de avaliação pode incluir trabalhos do autor de diferentes naturezas, referenciados pelo próprio como por ex.: resumos, reflexões, observações, desenhos, pinturas, poemas, histórias, fotografias, entrevistas, gravações áudio e vídeo, trabalhos desenvolvidos noutras UC's, entre outros, de modo interativo e interrelacionado em que se denote um fio condutor expressivo para o autor, concomitantemente evidente e igualmente eloquente para o leitor a quem se o apresenta.

O Portefólio é equiparado a “(...) uma espécie de filme onde o processo de aprendizagem fica registado quase que em movimento, onde o estudante pode incluir processos alternativos de reflexão, comentários a partir de situações diversificadas, particulares, que constituem o somatório de experiências e vivências de indivíduos”^{1,5,p8}.

Dois portefólios nunca são iguais, porque na verdade, os autores são seres díspares, com formatos distintos de raciocinar e vivenciar as várias experiências com percursos individuais de crescimento e desenvolvimento e, portanto, os seus interesses e as suas atividades também o são, ainda que, possam utilizar os mesmos princípios orientadores e recursos de construção desse material¹.

Quer o autor (estudante) como o leitor do Portefólio (docente tutor) devem considerar a sua interpretação e avaliação através de uma visão positiva, construtivista (ou socio construtivista) de crescimento do estudante seu autor.

Tendo em conta as características do Portefólio, este é muito utilizado quando se objetiva na aquisição e desenvolvimento de competências

requeridas (resultados esperados) aos estudantes de enfermagem em contexto teórico e clínico.

Os usos das tecnologias de comunicação e informação são um suporte de inovação e criatividade na produção de um Portefólio digital e interativo

Finalidade/Objetivos **A** realização de um Portefólio em contexto académico integra na sua finalidade, a estratégia didática de ensino-aprendizagem assim como a metodologia de avaliação da UC em que está integrado. Esta dupla condição é reiterada por autores que defendem que o Portefólio “ (...) não pode ser apenas um instrumento organizador de evidências de aprendizagem, útil como instrumento de avaliação, (...), mas sim, ser simultaneamente uma estratégia que facilita a aprendizagem e permite a avaliação da mesma”^{3,p151}. Objetivamente o Portefólio “... não só promove o desenvolvimento [do seu autor] a partir das suas próprias experiências, motivações e necessidades como contribui para a sua autoavaliação e o seu conhecimento”^{3,p31}. Esta ficha síntese tem como finalidade a aprendizagem dos estudantes na elaboração de um portefólio, útil ao seu desenvolvimento pessoal e académico.

Definição **U**m Portefólio consiste num instrumento de auto e/ou heteroavaliação e de autorregulação do ensino-aprendizagem. Surge como um meio que possibilita a participação dos estudantes no seu processo de formação escolar, tornando-os conscientes dos percursos que estão a realizar⁴.

Princípios Orientadores **A**ntes de dar início ao desenvolvimento de um Portefólio importa definir e tornar explícitos os seus objetivos pessoais, e concomitantemente que outra metas se pretendem alcançar⁴. O processo de construção de um Portefólio presume: 1) uma ligação estreita entre o cronograma dos conteúdos programáticos da UC a que se destina; 2) os procedimentos de avaliação e 3) as estratégias de ensino-aprendizagem utilizadas. É através das metas bem definidas e explícitas, que se asseguram trabalhos demonstrativos do percurso de desenvolvimento e de aprendizagem do estudante.

Compreendendo o Processo Passo a Passo **N**a realização de um Portefólio, o autor deve ter em conta as seguintes condutas:

1. Reunir toda a diversidade de informação conseguida através das variadas fontes consultadas, tornando possível apreciar as aquisições e fundamentar o processo de desenvolvimento e aprendizagem, as realizações e as reflexões (tendo presente a premissa de que a atitude de um cidadão crítico é aprimorada através da conquista da sua autonomia e meditação, ao nível cognitivo e metacognitivo), permitindo assegurar uma interpretação e avaliação do seu leitor em consonância⁵.
2. Organizar a sequência de apresentação e proceder à interação entre os documentos trabalhados, seguindo um fio condutor que o autor considere mais adequado e que evidencie a reflexão pessoal da seleção coerente realizada dos documentos que apresenta tendo em conta os objetivos definidos⁵.
3. Construir o portefólio segundo perspetivas pessoais, visando a apresentação de um produto em que se denote o seu cunho pessoal.
4. (Re) elaborar o Portefólio ao longo de todo o processo de aprendizagem, em tempo útil, e não apenas no término do tempo estabelecido para a sua apresentação⁵.

Onde Saber Mais Sobre o Assunto?

Para obter mais informação sobre Portefólio, sugere-se consulta bibliográfica e online em:

- *Elaboração de portefólios: pequenos passos rumo à formação pessoal e social* de Isabel Moreno. Lisboa: Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI), Cadernos de Educação de Infância, 89 abr(38-40), 2010.
- *Portfólios Reflexivos – Estratégias de formação e de supervisão* de Idália Sá-Chaves. Aveiro: Universidade de Aveiro, Unidade de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores, 2009.
- *Portfólio, Avaliação e Trabalho Pedagógico* de Benilde Maria de Freitas Villas Boas. Campinas, Papyrus Editora, Coleção Magistério-formação e trabalho pedagógico, 2005.
- Silva. NMO. O Portfolio reflexivo no desenvolvimento pessoal e profissional. Um estudo na formação pós-graduada [Online]. Aveiro: Universidade de Aveiro, Departamento de Didática e Tecnologia Educativa, 2006. [acesso em 2013 jul 27]. Disponível em: <http://biblioteca.sinbad.ua.pt/teses/2007000187>
- *Portefólio: uma escola de competências* de Carla Bernardes e Filipa Bizarro Miranda. Porto: Porto Editora, 2003.

Referências

1. Fitas ACP. A avaliação das aprendizagens na Educação pré-escolar: o portefólio das crianças. Mestrado em Educação Pré-Escolar: Área de Especialização Prática de Ensino Supervisionada [Online]. Portalegre: Instituto Politécnico de Portalegre, Escola Superior de Educação, 2012 [acesso em 2013 set 10]. Disponível em: http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/3686/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Relat%C3%B3rio%20de%20PES_Mestrado%20em%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Pr%C3%A9-escolar%20Ana%20Fitas.pdf
2. Gomes MC et al. Referencial de competências-chave para a Educação e Formação de Adultos - Nível Secundário: Guia de Operacionalização. Lisboa: Direção-Geral de Formação Vocacional, 2006.
3. Sá-Chaves I. Os “Portfólios” Reflexivos (Também) Trazem Gente Dentro. Reflexões em torno do seu uso na humanização dos processos educativos. Porto: Porto Editora, 2005
4. Pinto J. Portfólio: uma moda ou um processo em potencialidades na Educação/Formação em Pinto J, Santos L & Rodrigues R. O Contributo do Portefólio para o Processo de Aprendizagem e Avaliação – Referencial de formação. Lisboa: Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), 2010.
5. Rodrigues, MF. Portfólio: Estratégia Formativa e de Reflexão na Formação Inicial em Educação de Infância. Mestrado em Ciências da Educação: Área de Especialização em Formação de Professores [Online]. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação, 2009 [acesso em 2013 jul 27]. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2113/1/22158_ulfp034796_tm.pdf



Contextualização A transição do paradigma educacional preconizada pelo Processo de Bolonha, expressa na importância do estudante enquanto sujeito ativo na construção da sua aprendizagem, requer reflexão sobre os modos de trabalho pedagógico (MTP)¹. Estes, devem ser facilitadores da aprendizagem do estudante incentivando-os a um ganho de competências progressivo, no sentido da aprendizagem autónoma². Neste âmbito, o ensino superior contribui para este processo de construção de saberes, disponibilizando um conjunto de metodologias pedagógicas distintas, empoderadoras dos estudantes.

A realização do Ensaio surge como um processo pedagógico fundamental para introduzir o estudante na especificidade da *escrita académica*. Prevê o aprofundamento de competências em análise e redação de texto, sistematização do pensamento, argumentação e raciocínio crítico-reflexivo.

Na generalidade, a redação de trabalhos académicos requer objetividade e clareza dos textos produzidos pelos estudantes. Estes, devem ser sempre suportados pelo pensamento de autores de referência no assunto, e em dados de evidência publicados por entidades idóneas, devidamente referenciados no trabalho.

Em particular, a redação de Ensaio prevê a exploração de um assunto ou tema com originalidade, cujo texto claro e objetivo apresente ideias relevantes e produtivas⁹. Deve demonstrar curiosidade intelectual do estudante, evidenciando boa compreensão das leituras realizadas e perspicácia, assim como “erudição necessária e pertinente indiciando investigação e sólida informação”^{9,p108}. Distingue-se de outros trabalhos académicos devido a um conjunto de particularidades que explicitamos nesta ficha, no item: princípios orientadores.

Finalidade/Objetivos Esta ficha síntese tem como finalidade versar o tema do processo pedagógico Ensaio. Apresentam-se como objetivos: (1) Apresentar distintas definições de Ensaio; (2) apresentar as principais orientações referentes à estrutura e estilo de escrita de ensaios; (3) enumerar os principais passos a seguir para redigir um ensaio, como trabalho académico.

Definição Existem diferentes tipologias de ensaios, respeitando as suas especificidades a diferentes áreas científicas. Por opção, as definições apresentadas reúnem entendimento sobre ensaios em meio académico, que se apresentam:

1. Um ensaio visa aprofundar os conhecimentos relativos a um tema, refletindo sobre o mesmo, evidenciando conhecimento e leitura de referências significativas sobre este³.
2. Consiste numa “(...) pequena peça escrita de análise de

determinado problema, com vista a identificar uma questão, discorrer sobre ela e chegar a conclusões. Um ensaio não é uma narrativa nem uma simples descrição de factos ou posições doutrinárias; pressupõe, antes, a análise, explicitação e interpretação dos mesmos^{4, p1}.

3. Consiste numa reflexão intelectual sobre um tema, que expressa a tese do autor, fundamentada em diferentes argumentos, demonstrando o que este pensa e leu sobre um determinado assunto.⁵⁻⁸

O Ensaio “é um escrito de índole dissertativa, pois nele é feita demonstração, mas não é um texto cuja principal vocação seja a de dar resposta ou mostrar conhecimentos previamente programados para serem aprendidos. Não é um trabalho de resposta mas de proposta”^{9, p107}

Princípios Orientadores

Genericamente, o ensaio consiste na redação de um trabalho académico cuja estrutura apresenta três capítulos: 1) Introdução ou considerações iniciais; 2) corpo do ensaio e 3) conclusão ou considerações finais³⁻⁹; Independentemente do assunto sobre o qual o estudante pretende escrever, sugere-se um conjunto de indicações facilitadoras da redação de um bom ensaio⁶:

- Planear o que pretende fazer (esquematize as atividades a realizar),
- Estabelecer um plano de escrita (defina o assunto, e o tópico do assunto que pretende explorar),
- Pesquisar sobre o assunto escolhido (bases-dados da área científica do assunto; repositórios de universidades e nacional, bibliotecas, sites de organizações idóneas),
- Analisar a documentação encontrada, selecionando a de maior relevância para a exploração do assunto do seu ensaio,
- Definir com clareza as suas principais ideias sobre o tópico a explorar,
- Explicitar a relação entre as suas principais ideias,
- Construir a sua argumentação progressivamente, com objetividade e numa sequência lógica,
- Conduzir o leitor neste processo e, avalie a compreensibilidade da mensagem ou argumentação para este,
- Escrever parágrafos curtos, contendo informação relacionada em cada um,
- Utilizar palavras ou frases de ligação para relacionar cada ideia. Iguualmente, deverá estabelecer relação entre os sub-tópicos de cada parágrafo.

O ensaio é um trabalho académico de índole pessoal, que deve ser escrito numa linguagem formal e objetiva³⁻⁹.

O estudante tem de apresentar a sua tese, não podendo limitar-se a citar ideias de outros autores, para o realizar³⁻⁹.

O estudante deve construir a sua tese, fundamentada no pensamento de autores de referência no assunto em análise³⁻⁹.

Diversifique as fontes de pesquisa. Evite redigir o ensaio citando sempre a mesma fonte³⁻⁹. (exceção para ensaios sobre a análise de uma obra de um autor).

Não é aceitável entregar o ensaio ao docente com pesquisa realizada em fontes não credíveis⁶.

Compreendendo o
Processo Passo a
Passo

A apresentação do conjunto de passos sequenciais para a redação de um ensaio acadêmico, surge neste item como sugestão.

1. **Pesquisa** - Iniciar o processo de pesquisa recorrendo aos recursos do CRAI: Biblioteca e Bases-dados. Definir o(s) assunto(s) que pretende pesquisar. Proceder ao *download* dos documentos on-line e, requisite os livros de referência.
2. **Análise** – Analisar cada livro, documento, site relativamente à pertinência em aprofundar o assunto a explorar. Realizar a ficha bibliográfica ou de leitura para cada documento selecionado. Esta atividade contribuirá para a aquisição de competências em análise de texto, produção de resumos, síntese das principais ideias do autor, entre outras.
3. **Tese** – Escolher as suas melhores ideias/pensamentos e selecionar a que tem maior potencial para a tese, após ter sido influenciado pelas ideias dos autores que leu.
4. **Plano/Esquema** - Definir um plano ou esquema de atividades que ajudarão a concretizar a redação do ensaio.
5. **Referenciação** - Definir antes da redação do ensaio, a norma de referenciação que vai utilizar. Concretizada esta decisão, registar (no texto e lista final de referências) todas as fontes selecionadas, que influenciaram o seu pensamento, complementarmente à redação do texto. Esta ação permite salvaguardar a informação da fonte, garantir os direitos de autor e prevenir plágios.
6. **Redação** – Escrever implica melhorar progressivamente a competência de escrita. Sugere-se a redação de um primeiro *draft* do ensaio e posteriores melhoramentos. O ensaio pode cumprir uma estrutura de três capítulos. Neste subitem explicitam-se os aspetos que cada um dos capítulos mencionados, poderão conter^{6, p4-13}, nomeadamente:

- Introdução/Considerações Iniciais

- Estimule o interesse do leitor sobre o tópico ou questão do ensaio, levando-o a decidir querer ler a sua argumentação;
- Apresente o assunto e o tópico deste, sobre o qual será redigido o ensaio em ligação ao título que escolher para o trabalho;
- Explícite a perspetiva pessoal que tem do assunto e tópico, assim como as razões que o levaram a eleger os mesmos para a redação do ensaio;
- Pode clarificar ou definir conceitos, se facilitarem a compreensibilidade do assunto ao leitor;
- Descreva de uma forma muito breve as questões que vai explorar e, a ordem pela qual surgem no corpo do ensaio;

- Corpo do Ensaio

- Apresente a construção da argumentação por parágrafos, cumprindo os tópicos previamente enunciados na introdução;
- No primeiro parágrafo apresene a ideia principal da tese;
- Na primeira frase do primeiro parágrafo, introduza a

- ideia principal do parágrafo;
 - Nas frases seguintes do primeiro parágrafo, desenvolva o assunto fundamentando-o com evidência, com recurso a citações e referências;
 - Nos segundo parágrafo e posteriores, importa na primeira frase estabelecer relação com o sentido da argumentação do parágrafo anterior. Nas frases seguintes apresente a ideia principal do parágrafo.
- Conclusão/Considerações Finais
 - Apresente resumidamente os principais temas abordados;
 - Enuncie as principais conclusões a que chegou;
 - Clarifique os motivos pelos quais as conclusões são significativas relativamente ao assunto, em ligação à área científica ou temática da unidade curricular em que foi pedido o ensaio;
 - Na última frase valide a tese, através de um argumento muito breve e objetivo, relacionando-o com o título do ensaio;
 - Explícite o que não conseguiu defender ou realizar, sob perspetiva de limitações do ensaio;
 - Sugira outros assuntos ou questões com potencial para serem explorados em futuros ensaios;
- 7. Análise crítica** - Pretendendo aprofundar a dimensão crítica de um trabalho académico, sugere-se que na etapa posterior à redação do ensaio, coloque algumas questões, de que são exemplo: 1) existe coerência de pensamento ao longo do ensaio face ao assunto em análise?; 2) as ideias e a construção da argumentação que as fundamentam, relacionam-se com a questão central do ensaio?; 3) Enuncio resultados de evidência em cada etapa do processo de argumentação?; 4) É perceptível a reflexão pessoal sobre a análise dos resultados de evidência?; 5) Demonstro compreensão das ideias apresentadas?; 6) Demonstro conhecer o pensamento dos autores?; 6) Estou a descrever ou analisar o assunto?; 7) Apresento dados objetivos e precisos, ou generalizados?
- 8. Revisão do texto e pontuação** – Sugere-se uma revisão cuidada do texto quanto a gramática, pontuação e existência de erros de ortografia. Sugere-se igualmente questionamento quanto à clareza e objetividade do texto, perguntando-se: Está claro que digo exatamente o que pretendo afirmar?.
- 9. Revisão da Referenciação** – Sugere-se revisão cuidada sobre a referenciação de fontes consultadas, no texto do corpo do ensaio. Coloque questões a si próprio: Salvaguardo todos os direitos de autores consultados?; Todos os documentos da lista final de referências estão referenciados no texto?
- 10. Entrega da versão final** - Salvaguardadas todas as propostas referidas nos nove itens anteriores, reúne condições para entregar o ensaio.

Onde Saber Mais Para obter mais informação sobre Ensaio, sugere-se consulta online em:

Sobre o Assunto?

- Royal Literary Fund. Disponível em:

<http://www.rlf.org.uk/fellowshipscheme/writing/youthewriter/index.cfm>

- Institute of communication Studies. Disponível em: <http://www.theory.org.uk/david/essaywriting.pdf>
- James Cook University. Disponível em: <http://www-public.jcu.edu.au/learningskills/resources/wsonline/academic/essay/index.htm>
- American University in Cairo. Disponível em: <http://www1.aucegypt.edu/academic/writers/>

Referências

1. Fernandes P. O Processo de Bolonha no seu terceiro ano de existência: olhares diversos para um debate útil. Sociedade, Educação & Culturas [internet]. 2009. [acesso em 2013 jul 25]. Disponível em: http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC28/28_dialogos.pdf
2. Leite C, Magalhães AE. Políticas e Desenvolvimento Curricular no Ensino Superior. Sociedade, Educação & Culturas [internet]. 2009. [acesso em 2013 jul 25]. Disponível em: http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC28/28_prefacio.pdf
3. Santos L. Guião de apoio à elaboração de ensaio escrito a realizar individualmente. Lisboa. Mestrado em Educação; Departamento de Educação Faculdade de Ciências Universidade de Lisboa.
4. Moreira V. Normas para os Ensaio. [internet]. 2007 nov 11. [acesso em 2013 jul 25]. Disponível em: <http://www.historia.ufc.br/admin/upload/Ensaio.pdf>
5. Nunes L. Guia Orientador para a Elaboração de Trabalhos Escritos. Departamento de Enfermagem. Instituto Politécnico de Setúbal-Escola Superior de Saúde;2011.
6. Plymouth University. Writing Essays', Learning Development. . [internet]. 2007 nov 11. [acesso em 2013 jul 25]. Disponível em: <http://www.learningdevelopment.plymouth.ac.uk/LDstudyguides/pdf/6/Writingessays.pdf>
7. Perutz V. A Helpfull guide to essay Writting. Cambrigdge & Chelmsford [internet]. 2010. [acesso em 2013 jul 25]. Disponível em:
8. http://web.anglia.ac.uk/anet/student_services/
9. University of New South Wales. Essay writing.Learning centre. 2012.Disponível em: <http://www.lc.unsw.edu.au/onlib/pdf/essay.pdf>
10. Estrela E, Leitão MA, Soares MJ. Saber escrever uma tese e outros textos. Um guia para apresentar corretamente os seus trabalhos e outros documentos. 9ª ed. Lisboa:D. Quixote;2013.



Apresentação Oral

Contextualização O estudante/profissional de enfermagem, no desenvolvimento das suas competências e funções realiza apresentações orais em vários contextos (exemplo: discursar na apresentação pública de um seminário, numa reunião, na participação de uma discussão, na passagem de turno,...). Uma carreira profissional pode ser minimizada, atrofiada ou destruída pela dificuldade do indivíduo em expor as suas ideias/ realizar uma abordagem perante os outros. Assim, compete a cada um considerar seguir uma metodologia na preparação e na Apresentação Oral¹.

No decorrer do percurso académico é habitualmente solicitada a elaboração de trabalhos de grupo e individuais pelos docentes das diversas UCs. Para a apresentação oral desses trabalhos os estudantes recorrem com frequência a um guião escrito por ele(s) elaborado (exemplo: fichas), a suporte informático (exemplo: o Software PowerPoint da Microsoft Office) de modo a sintetizarem o que pretendem transmitir fazendo-o de forma dinâmica, inovadora e interativa^{2,3}. Normalmente uma Apresentação Oral é limitada por um período de tempo, pelo que a metodologia de apresentação optada serve de suporte dado que contém as ideias chave a apresentar segundo a lógica do orador, tendo em conta o tempo previsto.

Finalidade/Objetivos A realização de uma Apresentação Oral visa transmitir verbalmente a outro(s) um determinado assunto, particularmente objetiva: 1) induzir uma discussão/debate; 2) apresentar um trabalho realizado sobre uma temática; 3) apresentar uma reflexão; 4) apresentar uma sessão letiva; 5) apresentar os resultados de uma investigação; 6) partilhar uma ideia^{1,2}.

Definição Uma Apresentação Oral consiste numa explanação sobre um determinado tema realizada verbalmente, dirigida a um público mais ou menos restrito, que pode ser usada em contexto académico ou profissional^{1,2}.

Princípios Orientadores Aquando da preparação de uma Apresentação Oral, o palestrante, deve ter em conta a sua extensão (versus o tempo disponível para apresentação) e dividir a estrutura da apresentação em três partes, designadamente em: 1) Introdução (onde deve apresentar-se a si, a instituição a que pertence, o tema que vai abordar, os objetivos e a estrutura de apresentação visando o interesse da assistência); 2) Desenvolvimento (onde se expõem as ideias principais, introduzindo exemplos interessantes e analogias com casos conhecidos, de modo a manter a atenção da população-alvo, podendo recorrer a meios auxiliares de ensino como por exemplo o retroprojektor, o vídeo, os cartazes, o computador (uso de software de apresentação como o PowerPoint); 3) Conclusão (onde se sintetiza o explanado e se salientam as ideias principais de maneira que fiquem bem presentes na memória da audiência) e um espaço temporal para questões e discussão por parte da assistência (altura em que se pode validar se a mensagem transmitida foi

recepcionada/compreendida como se objetivava)^{1,2}.

Durante a Apresentação Oral o preletor deve ter em conta a sua aparência geral, adotar uma postura natural² (sem refugio a movimento estereotipado como é o caso de clicar uma caneta produzindo ruído), proferindo de forma descontraída, utilizando gestos adequados e um discurso fluente com a articulação das palavras projetada para a assistência e com linguagem adequada à mesma (ex.: entre enfermeiros utilizar um discurso científico)^{1,2}.

Compreendendo o Processo Passo a Passo

Na organização de uma Apresentação Oral é importante seguir os seguintes aspetos:

1. Definir o tema a abordar, compreendendo o seu âmbito e limites (população alvo, escolaridade, etc.)^{1,2};
2. Definir os objetivos da Apresentação Oral¹;
3. Refletir sobre a sua finalidade (informar, ensinar, esclarecer, abrir pistas de reflexão, etc)¹;
4. Explorar o assunto, pesquisando em diferentes tipos de fontes de informação (visando o seu domínio e ser detentor de resposta a questões que possam surgir do público ouvinte)^{1,3};
5. Selecionar, sistematizar e hierarquizar a informação recolhida;
6. Delinear a estrutura da apresentação^{1,2} (ex.: Plano de Aula/Sessão);
7. Realizar, com base na estrutura elaborada, do Guião de Apresentação, do Meio Auxiliar de Ensino optado, tendo em conta que este deve estar elaborado segundo os aspetos: 1) incluir todos os pormenores necessários e que se consideram pertinentes abordar e assim não descurar nenhum¹; 2) ser escrito com uma letra de tamanho legível¹; 3) ter os títulos destacados (ex.: sublinhados ou a bold)¹; 4) utilizar cores que chamem a atenção para pontos que se pretende salientar durante o discurso¹; 5) assinalar com espaços ou sinais que indiquem ao palestrante que deve realizar pausas (ex.: aquando da mudança de assunto)¹.

Onde Saber Mais Sobre o Assunto?

Para obter mais informação sobre Apresentação Oral, sugere-se consulta online em:

- *Como perder o medo de falar em público* de Emerson Escobar. Disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/ednilsom-comunicacao/como-superar-o-medo.html>
- *Oral presentation* de University Technology Sydney – UTS: Higher Education Language and Presentation Support. Disponível em: http://www.ssu.uts.edu.au/helps/docs/oral_presentation.pdf

Referências

1. Chaves MAF. Como realizar uma apresentação oral Coimbra: Universidade de Coimbra, Departamento de Engenharia informática. Disponível em: <http://student.dei.uc.pt/~macf/Como%20Realizar%20uma%20Apresenta%20Oral.pdf>
2. Coelho H. Princípios e Métodos da Comunicação Oral e Multimédia. Minho: Universidade do Minho, 2007
3. Corrêa EJ, Vasconcelos M, Souza MSL. Iniciação à metodologia científica: participação em eventos e elaboração de textos científicos. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, Núcleo de Educação em Saúde Coletiva – NESCON, 2009. Disponível em: <http://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/1760.pdf>



Ficha Síntese 14

Poster Científico

Contextualização O poster científico tem gradualmente ganho expressão em eventos científicos, sendo uma alternativa à comunicação oral na apresentação de pesquisa empírica. Constituem-se igualmente, importante fonte de informação em várias áreas científicas, incluindo enfermagem.

Os posters, pela sua particularidade de representação gráfica, permitem maior criatividade ao autor na apresentação da informação, dado que possibilitam a utilização de fotografias, quadros, tabelas e gráficos, sob fundos com diferentes cores e texto.

Considerando o fato do poster ser um formato de apresentação de informação científica cada vez mais pedido e aceite pela comunidade científica, que tem características muito próprias para a apresentação dessa informação, requer atenção por parte do corpo docente e inclusão como conteúdo curricular, nos cursos do ensino superior.

Finalidade/Objetivos Um poster constitui-se como um meio eficaz de apresentação de informação científica, podendo apresentar informação sobre revisão da literatura ou tema livre (se autorizados pelas comissões científicas dos eventos).

Esta Ficha Síntese tem como finalidade contribuir para a aprendizagem dos estudantes sobre o assunto da literacia em saúde, apresentando dois recursos exemplificativos de informação em saúde: O poster científico dirigido aos profissionais de saúde e a brochura dirigida aos cidadãos. Definiram-se como objetivos: (1) identificar os pressupostos inerentes à realização de ambos os recursos; (2) explicitar a estrutura e conteúdo do poster científico e da brochura para otimizar a informação em saúde⁵.

Definição Um poster científico consiste num resumo gráfico de apresentação de um trabalho científico³. É um formato de comunicação muito comum em eventos, podendo ser apresentado em formato impresso (em materiais como papel, plástico, tela ou acrílico) ou formato eletrónico projetado em écran, designando-se por e-poster⁶. É uma alternativa às comunicações orais.

Princípios Orientadores Recomenda-se, para a produção de um poster científico, que sejam seguidas as orientações emanadas pela comissão científica do evento a que se concorre. As orientações seguintes, e que nesta ficha se apresentam, reúnem consenso na literatura, mas poderão ser díspares das referidas por cada evento científico. Sugere-se:

- Construir o poster em powerpoint, podendo recorrer-se a outros *softwares* disponíveis *online* para o efeito;
- Escolher um *layout* criativo e apelativo;
- Criar um fundo com uma cor definida e que realce/contraste com os elementos gráficos e textuais apresentados, destacando-os. A cor do

fundo não deve ser brilhante e poderá ser azul-escuro, bordeaux-escuro; cinzento-escuro e verde-escuro. Ou, ao invés, cores muito claras de fundo se os elementos gráficos apresentarem tonalidades muito escuras.

- Determinar um tamanho: Os Posters tradicionais (em formato impresso) devem ter cerca de 60 a 80 cm de largura e 90 a 110 cm de altura (48``x 36``);
- Incluir elementos gráficos e parte textual (seguindo a tipologia de artigo científico);
- Selecionar a orientação do póster: Habitualmente, nos eventos, são permitidas orientações verticais e horizontais;
- Respeitar as indicações das comissões científicas de cada evento para a estrutura do póster;
- Respeitar e atender aos critérios de exposição/discussão criados pelas comissões científicas. Nos eventos, prevê-se a discussão do poster perante júri, estando definidos horário e tempo de discussão (É requisito dos eventos a permanência de um autor do poster, junto ao mesmo);

Compreendendo o Processo Passo a Passo

O desenho de um póster não tem uma estrutura rígida, dependendo muito das preferências e criatividade do seu autor, devendo atender, naturalmente, ao público a que é destinado. Sugerem-se alguns passos que poderão ser úteis no decorrer do processo de construção de um poster:

1. Abrir uma apresentação em PowerPoint, Publisher ou procurar um software sobre produção de posters;
2. Configurar página, selecionando a medida do poster (Pwp: menu design) e a sua orientação;
3. Dividir o espaço em branco em três ou quatro partes iguais. Sugere-se que cada uma destas partes seja trabalhada digitalmente ou redigida em sucessivas caixas de texto, seguindo os subitens de um artigo científico: 1) título, instituição e autores; 2) introdução e objetivos; 3) material e métodos; 4) resultados, discussão e conclusões; 5) referências.
 - **Título:** Definir um título curto e interessante. Poderá ser redigido em caixa de texto, letra tamanho 48-72, permitindo ser lido a um metro de distância. Utilizar um tamanho de letra maior que a do texto (de preferência maiúsculas e negrito). Usar o tipo de letra Arial, Times New Roman ou outra, facilitadora da redação. Abaixo do título, sugere-se identificar a instituição que desenvolveu o trabalho e os autores (referência aos nomes dos autores e orientador do trabalho, utilizando nota de rodapé para designar por cada nome de autor as siglas referentes aos graus académicos e títulos profissionais, assim como os respetivos contatos).
 - **Introdução e objetivos:** A introdução deve ser sucinta, explicitando o âmbito e a pertinência do tema/problema. Deve ter por base uma breve revisão bibliográfica e enunciar no seu final os objetivos gerais e específicos do trabalho.
 - **Material e métodos:** Referenciar a tipologia da pesquisa, referir a amostra/população-alvo, instrumentos de colheita

de dados utilizados, método de análise e considerações éticas.

- **Resultados, discussão e conclusões:** São os elementos mais importantes dos posters e devem surgir com destaque. Nos resultados podem apresentar-se gráficos /quadros com os principais dados. As conclusões devem responder à questão de investigação e/ou objetivos.
5. Apresentar a informação mais relevante ao longo das partes, tendo como referência que a leitura ou observação do poster segue a forma de “Z”³;
 6. Colocar ilustrações (figuras, gráficos e tabelas) no subitem Resultados;
 7. O poster pode ser apresentado eletronicamente só num handout de pwp (e-poster), ou impresso em papel, cartolina, tela, plástico ou acrílico.

Onde Saber Mais Sobre o Assunto?

Para obter mais informações sobre posters e brochuras, sugere-se a consulta online em:

- <http://www.healthliteracy.com/default.asp>
- <http://office.microsoft.com/pt-pt/templates/?CTT=97>
- <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1876493/>

Referências

1. World Health Organization. Health Literacy, The solid facts [Internet]. Copenhagen: WHO, Regional Office for Europe; 2013 . [acesso em 2013 Mai 4]. Disponível em: http://www.euro.who.int/data/assets/pdf_file/0008/190655/e96854.pdf
2. National Network of Libraries Of Medicine [Internet]. 2013. [acesso em 2013 set 15]. Disponível em: <http://nnlm.gov/outreach/consumer/hlthlit.html>
3. Universitat Pompeu Fabra, Observatorio de la comunicacion científica. Talleres sobre elaboración de posters científicos [Internet]. Barcelona: NexusMédica; [acesso em 2013 mar 08]. Disponível em: http://www.occ.upf.edu/img/imatges_cms/manualposters.pdf
4. Willett L, Paranjape A, Estrada C. Identifying Key Components for an Effective Case Report Poster: An Observational Study [Internet]. [acesso em 2013 apr 14]. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2642558/>
5. Newbrey MG, Baltezare JM. Poster Presentations: conceptualizing, construting & Critiquing. *The American Biology Teacher*; 2006 nov 68 (9), 550-554.
6. Shin SJ. Evaluation of electronic versus traditional format poster presentations. *Medical Education* 2012; 46:501–52. DOI: 10.1111/j.1365-2923.2012.04253.x



Ficha Síntese 15

Brochura e Flyer

Contextualização A sociedade do conhecimento no século XXI depara-se com novos desafios face à informação em saúde. Importa elevar o nível de conhecimentos dos cidadãos face à tomada de decisão em saúde, visando a adoção de estilos de vida mais saudáveis e a melhoria da qualidade de vida¹⁻³. A evidência sugere a existência de forte relação entre bons níveis de literacia e uma melhor saúde, educação e produtividade na idade adulta. Esta relação emerge de um conjunto de estudos que sugerem que pessoas saudáveis aprendem melhor e são mais ativas^{1,2}. Responder a este desafio, implica repensar metodologias e estratégias de transmissão da informação entre (e dos) profissionais de saúde, para os cidadãos³. No âmbito da educação em Enfermagem, importa estimular os estudantes a aprofundar competências comunicacionais verbais e não-verbais através de diversos processos pedagógicos, visando veicular a informação em saúde e comunica-la eficazmente aos clientes/cidadãos. Uma das principais competências dos enfermeiros visa a educação e empoderamento do cliente. Assim, na formação inicial de estudantes de Enfermagem este assunto apresenta-se como conteúdo curricular de grande importância. Surge como intervenção autónoma dos enfermeiros, tem carácter curricular transversal e, potencia a relação entre a literacia e ganhos em saúde. A aprendizagem dos estudantes sobre a produção de brochura/flyer, seja em formato impresso ou eletrónico, é exemplo de material potenciador de informação e aprendizagem em saúde, produzido pelos estudantes para os clientes.

Finalidade/Objetivos Uma brochura ou Flyer constitui-se como um recurso eficaz de apresentação de informação sobre diversos assuntos, sendo a saúde uma área onde se recorre muito a este formato de divulgação da informação. Esta Ficha Síntese tem como finalidade contribuir para a aprendizagem dos estudantes sobre a tipologia de instrumentos de informação em saúde dirigidos aos cidadãos, promotores do empoderamento e literacia em saúde. Definiram-se como objetivos: (1) identificar os pressupostos inerentes à realização de brochura, flyer ou outros; (2) explicitar a estrutura e conteúdo da brochura para otimizar a informação em saúde⁵.

Definição A brochura consiste num tipo de instrumento de divulgação de informação, em formato de folheto ou pequeno livro, que publicita uma organização, negócio, evento, produto ou serviço. A brochura em comunicação em saúde é destinada a divulgar informação sobre saúde e bem-estar, serviços, tratamentos, doenças, entre outros, a

clientes (individualmente), a grupos-alvo ou populações específicos. No âmbito da promoção da saúde, surge como uma estratégia de educação em saúde promotora do empoderamento do cliente, estando direcionada para a ação. Apresenta-se em formato impresso ou eletrónico. Contém um número reduzido de páginas, a informação é muito sintética e objetiva, podendo ou não ser acompanhada por imagens.^{3,4}

Princípios Orientadores

As orientações apresentadas nesta ficha reúnem consenso na literatura. Porém, as orientações facultadas aos estudantes no âmbito da finalidade a que se destina a brochura que irão produzir podem ser diferentes. Recomenda-se seguir as orientações do facilitador ou tutor do trabalho. Sugere-se os seguintes princípios orientadores^{3,4}:

- Planear o trabalho, antes de produzir a brochura;
- Determinar a finalidade ou objetivos da brochura;
 - O que se pretende informar?
 - Porque é que essa informação vai ser importante?
- Adequar a informação ao cliente, grupo-alvo ou população;
 - A quem se destina a informação?
 - Quando vai ser oportuno informar?
 - Onde informar?
 - Para que servirá a informação?
- Definir um conjunto de passos, promotores da capacitação do(s) cliente(s).
- Eleger um layout atrativo, uma vez que a qualidade do grafismo é fundamental para captar o interesse do cliente e comunicar visualmente a informação;
- Sintetizar a informação em pouco texto. A maioria dos clientes refere não ter tempo ou não gostar de ler.
 - Organize a informação de forma sequencial;
 - Utilize caixas de texto e subtítulos;
 - Utilize as marcas de listas ou a numeração para orientar o cliente na sequência e passos que precisa realizar;
- Estimular a curiosidade do cliente;
- Utilizar fontes documentais idóneas;
- Garantir os direitos de autor das fontes consultadas.

Compreendendo o Processo Passo a Passo

O *design* de uma brochura, Flyer ou website, deve equacionar proporcionalidade entre elementos gráficos e texto, equilíbrio na apresentação destes elementos, contraste entre cores, destaque da informação principal, e ter diferentes níveis de informação⁴.

Sugere-se alguns passos que poderão ser úteis para preparar este tipo de material:

1. Abrir o programa Publisher ou procurar um software sobre produção de brochuras ou flyers;
2. Definir o tamanho e formato da brochura depende da quantidade de informação que pretende divulgar: lembre-se que formatos simples e breves são preferidos pelos clientes;
3. Configurar página, selecionando o número de páginas pretendido: 2, 3, 4 ou mais do que 4 páginas. O número de páginas/painéis deve estar adequado à quantidade de informação a disponibilizar;
4. Saber que o formato de dobragem do flyer ou brochura, designa-o (flat ou folheto simples, tríptico, outros);
5. Definir o *layout*. Este passo é bastante importante para o sucesso da brochura: O *layout*, deve congruentemente refletir-se em todas as

páginas da brochura;

- Saiba que as melhores brochuras são as que mantêm elementos do padrão-base entre os diversos painéis/páginas, e a informação surge numa sequência lógica;
6. Utilizar nomenclatura como: as páginas do painel anterior da brochura (páginas da frente) e as páginas do painel posterior da brochura (páginas de trás);
 7. Dividir o espaço e trabalhar em caixas de texto;
 8. Determinar o tipo e tamanho da letra, de acordo com os níveis de informação que decidir utilizar: sugere-se tipos de letras arial, verdana, calibre ou times new roman;
 9. Utilizar imagens, fotografias, gráficos, quadros ou tabelas ou outras figuras, adequadas ao assunto a que se refere a informação;
 10. Na página final ou na página posterior central de um tríptico, os estudantes de enfermagem, devem salvaguardar alguns pressupostos¹⁰. São exemplo:

- Logotipo da ESS/IPS,
- Logotipo do Departamento de Enfermagem,
- Número do Curso da Licenciatura em Enfermagem,
- Nome próprio e apelido dos estudantes, e respetivo n.º de estudante,
- Nome dos Srs. Enfermeiros Orientadores,
- Nome do Docente orientador, no EC
- Nome de outros participantes (revisão científica, produção de imagem, outro),
- Data (Mês, ano),

Exemplos:

Realizado por _____
Estudantes do __ Ano do ____ Curso de Licenciatura em Enfermagem
Enfº Orientador _____
Prof. _____
Jan. 2007

Realizado por _____
Estudantes do __ Curso de Licenciatura em Enfermagem
Ensino Clínico de Enfermagem __, Jan. 2007
Enfº Orientador _____
Prof. _____

Realizado por _____
Estudantes do __ Ano do ____ Curso de Licenciatura em Enfermagem
Hospital/Serviço ou CS/Extensão ou Local
Enfº Orientador _____
Prof. _____
Rev. Cient. de _____
Apoio de _____
Jan 2007

Onde Saber Mais
Sobre o Assunto?

Para obter mais informações sobre brochuras e flyers, sugere-se a consulta online, em:

- <http://www.healthliteracy.com/default.asp>

¹⁰ Retirado de:

Nunes L. Documentos e Materiais Produzidos em Contexto de Ensino Clínico. Setúbal: Planeamento do Curso de Licenciatura em Enfermagem; 2007.

- <http://office.microsoft.com/pt-pt/templates/?CTT=97>
- <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1876493/>

Referências

1. World Health Organization. Health Literacy, The solid facts [Internet]. Copenhagen: WHO, Regional Office for Europe; 2013 [acesso em 2013 Mai 4]. Disponível em: http://www.euro.who.int/_data/assets/pdf_file/0008/190655/e96854.pdf
2. National Network of Libraries Of Medicine [Internet]. 2013. [acesso em 2013 set 15]. Disponível em: <http://nnlm.gov/outreach/consumer/hlthlit.html>
3. Pennisi LA, Guanawan Y, Major AL, Winder A. How to Create an Effective Brochure [Internet]. Lincoln: University of Nebraska; 2011 [acesso em 2013 Set 18]. Disponível em: <https://www.ianrpubs.unl.edu/live/g2028/build/g2028.pdf>
4. Pennisi LA, Winder A. Effective Graphic Design [Internet]. Lincoln: University of Nebraska; 2011 [acesso em 2013 Set 18]. Disponível em: <http://www.ianrpubs.unl.edu/live/g2031/build/g2031.pdf>
5. Zionts NC, Apter J, Kuchta J, Greenhouse K. Promoting Consumer Health Literacy, creation of a health information librarian fellowship. Reference & User Services Quarterly. 2010; 49(4):350-359.



Ficha Síntese 16

Website e Blogue

Contextualização

O conceito de *weblogue*, *blog* ou *blogue*, apareceu no *website* "Scripting News" criado por Dave Winer, em 1996 e o primeiro *blogue* foi criado por Jorn Barger, em 1997¹⁻¹³. A abreviatura "*blogue*" terá decorrido de uma brincadeira de Peter Merholz, que separou a palavra *weblogue* para formar *we blog* ("nós blogamos") na barra lateral do seu *blogue* *Peterme.com*, em Abril ou Maio de 1999¹⁻¹².

Eventualmente, o primeiro *blogue* português terá sido "*Macacos sem galho*", criado em Março de 1999¹. Em 23 de Agosto de 1999 apareceu o *Blogger*, uma ferramenta que teve um papel fundamental no crescimento da blogosfera pois permitiu a criação fácil e intuitiva dos *blogues*. O servidor gratuito para alojar as páginas surgiu um ano depois, com o *Blogspot*. "Os resultados foram bem visíveis, pois em Novembro de 2000 já existiam mais de 10 mil *blogues* alojados nesta plataforma e a partir daí o crescimento foi exponencial. Se em Novembro de 2002 nasciam cerca de 2000 *blogues* por dia, em Junho eram já 15 mil, o que significa o aparecimento de um novo *blogue* em cada 5,8 segundos"¹.

Há quem refira o fenómeno da *bloguemanía* atendendo à quantidade de *blogues* existentes - calcula-se que existam cerca de 70 milhões de *blogues* publicados e (em 2007) cerca de 120 mil novos *blogues* eram criados todos os dias².

Uma das primeiras experiências em Portugal no que concerne à utilização dos *blogs* na educação parece ter ocorrido na Universidade do Minho, no curso de Mestrado em Informação e Jornalismo e deu origem, em Abril de 2002, à criação do *blog* *Jornalismo e Comunicação*³.

A nível mundial o fenómeno dos *blogues* educativos ou *edublogs* constitui não só uma prática de intervenção pedagógica mas também um domínio de estudo e investigação¹².

A blogosfera apresenta um conjunto de práticas educativas que abarcam uma grande diversidade de abordagens - há *blogues* criados e dinamizados por professores e estudantes individuais, de autoria colectiva, focalizados em temáticas de disciplinas específicas e outros que procuram transmitir matérias multi e transdisciplinares. "Alguns *blogs* constituem-se como portefólios digitais do trabalho académico realizado e *blogs* que funcionam como espaço de representação e presença na Web de escolas, departamentos ou associações de estudantes. O leque de explorações e o número de professores e alunos envolvidos não pára de aumentar. A blogosfera educacional é cada vez mais transversal aos diferentes níveis de ensino"⁴. Assim, torna-se evidente que as ferramentas da chamada web social - como *so blogues* ou os *wikis* - podem ser integrados em ambientes virtuais de aprendizagem e de avaliação, incluindo o Blended-Learning⁵.

Finalidade/Objetivos

Esta ficha-síntese tem como finalidade versar o tema do Website e Blogue, enquanto instrumentos para a elaboração de trabalhos académicos.

Os objetivos são: 1) definir website e blogue, explicitando os elementos principais; 2) apresentar as principais orientações na sua elaboração, quando visa finalidade académica.

Definição

O conceito de blogue é sinónimo de página ordenada cronologicamente e com ligações a outras páginas. Genericamente, os blogues são definidos como páginas *web*, jornais *online* com entradas frequentes, apresentadas por ordem cronológica, pelo que a informação está organizada da mais recente para a mais antiga, frequentemente atualizado com entradas que podem ser de opiniões, factos, fotografias, entre outros¹⁻¹².

"Os blogues são páginas online editadas de forma cronológica inversa por um ou mais autores. A par do texto, a tecnologia permite a disponibilização de fotos, sons, imagens e vídeos. Os blogues são caracterizados por entradas normalmente curtas e podem admitir, caso o autor autorize, comentários dos leitores. Os temas abordados pelos bloggers e os formatos adoptados (uns apenas de imagens, outros de textos, muitos apostando na incorporação de hiperligações e alguns com estratégias mais isoladas, estabelecendo poucas ou nenhuma conexão ao resto da rede) são variados e híbridos, o que dificulta tentativas de classificação e categorização. Podem ser considerados espaços de auto-expressão, onde os autores manifestam sentimentos e experiências de vida próprias, ou projectos virados para a discussão de temas de interesse local, político ou relacionado com causas sociais"^{6, p7-8, 12}.

Na generalidade e no uso corrente, os blogues são gratuitos, combinam interacção social e expressão individual - os estudos^{1,6,7} apontam que as motivações para a sua criação variam, sendo relevantes a auto-documentação, a auto-expressão, a informação, a ocupação do tempo e a socialização.

Princípios Orientadores

Considera-se indistintamente nesta ficha síntese, *blogues* e *páginas pessoais*. Porém, alguns defensores distinguem *blogue* de *página pessoal*, definida como um *website* produzido em torno da personalidade e identidade, da história e dos quotidianos do seu autor.

- Os *posts* ou entradas são os elementos fundamentais dos blogues. Um *post* standard inclui título, mensagem de texto ou fotografia, podendo ter hiperligações para recursos ou fontes, músicas, vídeos, etc. Os *posts* são organizados em índices (cada entrada pode ser identificada com uma ou mais categorias e etiquetas, que funcionam como sub-categorias). Quando o número que é possível apresentar (definido pelo autor) na página de entrada excede o previsto (que o autor controla, nas definições gerais do blogue), são arquivados no blogue (normalmente, por meses)¹².
- Os *posts* são identificados pelo momento em que são publicados e, conseqüentemente, organizados por ordem cronológica - contudo, não significa que não possam ser agendados para serem publicados numa determinada data. A estrutura natural de um blogue segue uma linha cronológica ascendente - e há quem considere que este é o critério identificativo dos blogues¹².

- Atualmente, a maior parte das plataformas disponibiliza templates e a gestão do blog tornou-se muito fácil, tendo os blogues uma apresentação variada pré-formatada ou alterada pelo autor. Cada blogue usa um *template* (modelo) que é disponibilizado pela plataforma - por isso, variam, por exemplo, no *Wordpress*, no *Blogger* ou no *Tumblr*. Podem ser de uma a três colunas, com mais ou menos *widgets*. Existem ferramentas adicionais e estatísticas de utilização (como o número de acessos - visitas) e é possível hoje publicar por email e a partir de um dispositivo móvel¹².
- O nível de visibilidade pública varia bastante - o blogue pode estar aberto ou fechado ao público (e neste caso ser de acesso reservado a convidados ou só do próprio autor), pode estar inscrito em base de dados e motores de busca. Se o blogue for aberto, os leitores podem colocar comentários (que, muitas vezes, são moderados pelo autor, ou seja, só são publicados se e quando autorizados). Recomenda-se que, enquanto blogue académico seja fechado ao público, enviado o endereço ao professor e aos outros estudantes (se adequado)¹².
- Caso a finalidade seja mesmo tornar o blogue público, por exemplo, numa iniciativa de educação para a saúde, tenha o cuidado de gravar os post em «rascunho» e aguardar a validação do professor para a sua publicação. Nenhum conteúdo exposto ao público, com a identificação do estudante, curso e instituição de ensino, deve ser disponibilizado sem a devida revisão científica e técnica¹².
- Como o blogue é uma página para comunicação, habitualmente os bloggers identificam os sítios que visitam numa lista de links - designada como *blogroll*. Equacione usar a caixa de *blogroll* para identificar os sites importantes, considerando o trabalho que está a desenvolver no blogue¹².
- A facilidade de manuseamento, a rapidez da partilha e da colocação on-line, faz com que um blogue seja um canal flexível de comunicação, um local para colocar informações ou, nas suas variantes, um *fotoblog*, *videoblog* ou *moblog*. O blogue temático é uma das formas comuns, ou seja, o autor centra-se num tema, seja a política, a literatura, a ciência, a educação - ou o assunto do seu trabalho¹³.
- A criação de um blogue em contexto académico integra, na sua finalidade, a estratégia didática de ensino-aprendizagem assim como a metodologia de avaliação da UC em que está integrado. Assim, as possíveis utilizações pedagógicas dos *blogues* incluem constituir um espaço de acesso a informação especializada, disponibilização de informação pelo professor, associado a uma UC e apresentar-se como formato de portefólio digital. Este último é, provavelmente, o modo de utilização mais frequente no domínio educativo de nível superior. Neste caso, a construção do blogue deve ser um processo gradual de reflexão e maturação, mais do que uma espécie de repositório eletrónico do autor¹².

- Em conformidade com os objetivos, a criação e manutenção de um blogue pode ser de autoria individual ou coletiva. Se existirem vários autores, as entradas são singularizadas, permitindo identificar quem escreve o quê¹².
- Um blogue pode ser escrito como uma página web de fácil edição, útil para organizar materiais, documentar o processo de pesquisa (usando as entradas como notas de leituras e as hiperligações a textos ou sites), numa utilização transversal ao longo de um certo percurso académico (que pode ser de uma ou parte de uma unidade curricular)¹².
- Uma das características dos blogues é apresentarem textos curtos que podem ser lidos e comentados, associando o formato hipertextual⁷. Tenha em conta que a utilização de um blogue pode desenvolver (e constituir evidência) algumas competências como: a organização do discurso, a capacidade de discussão e partilha de ideias e a criação de comunidades de aprendizagem (por exemplo, indo além dos *blogroll* aos *bloggings* - anéis de *bloguers* interessados nas mesmas matérias)¹².
- O blogue pode também ser utilizado como materialização da atividade desenvolvida pelo estudante ou grupos de estudantes em regime não presencial⁸. Retenha que "a principal razão que leva alguém a criar um blog é a de poder partilhar uma ideia. E é com esta essência que os blogs cobriram a paisagem dos média, com novas ideias, com o objetivo de partilha e sobretudo com opiniões pessoais"^{6,9}.

Compreendendo o Processo Passo a Passo

Para a realização de um Blogue, o autor deve seguir alguns passos:

1. Criar um blogue na Internet.
 - Plataformas que são mais facilitadoras para iniciados: Blogger, Wordpress, Tumblr. Mas pode escolher uma de outras (blogs sapo, blog.com, livejournal, etc);
 - Escolher um serviço gratuito;
 - Registrar-se, escolher nome de utilizador e password (para fazer o login);
 - Escolher o nome do blogue. Às vezes, o nome que se pretende já está em utilização - aqui tem de ir por tentativa e erro, até que o serviço aceite o nome (algumas plataformas fazem sugestões alternativas ao que propõe, mas não é obrigado a aceitar);
 - Verificar os modelos disponíveis (número de colunas, formatos, cores) e escolher um do seu agrado, para a finalidade;
 - Escolher os elementos da barra lateral (caixas e widgets) que podem ser relevantes, incluindo blogroll e arquivo, além do modelo central;
 - Fechar o acesso ao público (nas definições do blogue);
2. Ter em conta a finalidade.
 - 2.1. Se o Blogue se destina a acompanhar a atividade de uma UC:
 - manter o blogue fechado ao público e informar e convidar o professor (e ou os seus colegas) para o blogue;

- colocar entradas (com anotações e comentários, com ligações a textos ou videos) a par e passo (por exemplo, após cada aula ou cada experiência de aprendizagem.
- 2.2. Se o Blogue se destina a constituir portefólio digital, siga também as orientações da Ficha Síntese n.º 11 Portefólio. E convidar o professor para o blogue, pois só assim ele poderá ter acesso e avaliar^{10,11}.
- 2.3. Noutra situação, validar com o professor da UC o melhor processo^{10,11}.
3. Familiarizar-se com blogues, implica um processo de aprendizagem continua. Conforme for aprendendo, pode utilizar as páginas separadas (caso a plataforma permita, como acontece no *wordpress*) para temas ou dimensões temáticas diversas ou, a partir de um blogue central, vários blogues adicionais (plataforma Tumblr).
4. Considerar que o blogue é um formato de expressão.
- No que respeita aos conteúdos, todas as regras anteriores (desde os direitos de autor e integridade académica à parcimónia de apresentação) se aplicam.
 - Utilizar texto de outros autores, implica além de referenciar a fonte, colocar a hiperligação desta.
 - Concentrar a atenção (que a procrastinação pode ser um efeito colateral) na construção e gestão do blogue – mantenha sempre em mente a finalidade, os objetivos da sua elaboração e manutenção.

Onde Saber Mais
sobre o Assunto?

Para se obter mais informação, sobre a criação dos blogues, sugere-se a consulta online, alusiva às plataformas:



Criar um blog - Blogger

- http://docentes.ismt.pt/~eduardo/supervisao_estagio/documentos/1_Como_criar_um_blog.pdf
- http://www.nuted.ufrgs.br/oficinas/blogs/textos/blogger_tutorial.pdf
- <http://criar1blog.blogspot.pt/>
- <http://youtu.be/yPjrvWigARA>



Criar um blog - Wordpress

- <http://pplware.sapo.pt/tutoriais/como-criar-um-blog-no-wordpress/>
- <http://www.mundoblogger.com.br/2013/03/e-book-gratis-como-criar-um-blog-no-wordpress-org.html>



Criar um blog - Tumblr

- <http://dicaspara.tumblr.com/post/2637934230/como-criar-um-blog-no-tumblr>

- <http://www.tumbletricks.net/post/3908958859/tutorial-completo-de-como-criar-e-apagar-um-blog-noo>

Referências

1. Canavilhas J. Blogues políticos em Portugal: O dispositivo criou novos actores? Universidade da Beira Interior. [internet]. [acesso em 2013 out 18]. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-politica-e-weblogs.html>
2. Sifry's D. [internet]. 2007 [acesso em 2013 out 18]. Disponível em: <http://www.sifry.com/alerts/archives/000493.html>
3. <http://webjournal.blogspot.com> [internet]. [acesso em 2013 out 18] Disponível em: <http://mediascopio.wordpress.com/>
4. Gomes MJ. Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica. VII Simpósio Internacional de Informática Educativa – SIIIE05 Leiria, Portugal, [internet]. 2005 nov 16-18 [acesso 2013 out 18] Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4499/1/Blogs-final.pdf>
5. Simões L, Gouveia L. Geração Net, Web 2. 0 e ensino superior. In Freitas E, Tuna S (Orgs.) Novos Média, Novas Gerações, Novas Formas de Comunicar. Edições Universidade Fernando Pessoa. Edição Especial: Cadernos de Estudos Mediáticos. 2009; 6:21-32.
6. Costa, SM, Maria ES. Pluralismo e diversidade nos média em Portugal: a blogosfera política em rede. [Tese de doutoramento]. Braga: Universidade do Minho. [internet]. 2012. 386 p. [acesso 2013 out 18] Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/24540/1/Maria%20Elsa%20Sousa%20Costa%20e%20Silva%20de%20Morais.pdf>
7. Castro L. et al. Blogs e wikis no ensino à distância: ferramentas pedagógicas no incentivo às práticas de leitura e produção textual. X Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância. Belém/PA –UNIREDE [internet]. 2013 jun 11-13 [acesso 2013 out 18] Disponível em: <http://www.aedi.ufpa.br/esud/trabalhos/oral/AT3/113382.pdf>
8. Azevedo da Fonseca A. O uso do diário virtual (blog) como portfólio digital: uma proposta de avaliação. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação; UnB [internet]. 2006 set 6-9 [acesso 2013 out 18] Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0736-1.pdf>
9. Coelho N. O estado da blogosfera em Portugal'09. [internet]. [acesso 2013 out 18] <http://www.maistrafego.pt/estado-da-blogosfera>

10. Actas do 1º Encontro sobre e-Portefólio / Aprendizagem Formal e Informal. Organização de Lia Raquel Oliveira e Maria Palmira Alves. Ludomedia – Conteúdos Didáticos e Lúdicos. [internet]. Braga: CRM-Centro de Recursos Multimédia do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho. 2006 jul 13-14 [acesso 2013 out 18]. Disponível em: <http://eportefolio.ese.ipsantarem.pt/eportefolio/images/stories/materiais/artigos/encontro-e-portefolioportugal.pdf>
11. Azevedo da Fonseca A. Portfólio digital: o blog no recurso pedagógico no ensino superior. In Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina [internet]. 2012 jan./jun [acesso 2013 out 18]; 33(1):81-90. [acesso 2013 out 18] Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/14413>
12. Coelho N. O estado da blogosfera em Portugal'09 [internet] 2010 mai 12 [acesso 2013 out 18] Disponível em: <http://www.maistrafego.pt/estado-da-blogosfera>



Nota Final

Este e-book - **Didática em Enfermagem: Documento Orientador de Processos de Ensino e Aprendizagem** - foram apresentadas 14 fichas síntese sobre diferentes processos de ensino-aprendizagem: 1) conceitos em Didática; 2) respeito por fontes e direitos de autor; 3) norma portuguesa 405; 4) norma de referência do estilo APA; 5) norma de referência do estilo Vancouver; 6) ficha de leitura; 7) trabalho escrito; 8) relatório; 9) artigo científico; 10) dossier temático; 11) portefólio; 12) ensaio; 13) apresentação oral; 14) poster e brochura.

Considera-se que o presente documento constitui um recurso digital de fácil acesso para os estudantes do CLE da ESS-IPS assim como para todos aqueles que desejam aprofundar conhecimentos sobre as temáticas Educação, Didática e processos de ensino-aprendizagem.

Este Guia Orientador é fruto do trabalho desenvolvido por estudantes e professores do DE da ESS-IPS, que assumiram papéis distintos e complementares, constituindo-se num exemplo materializado de um projeto pedagógico centrado na aprendizagem do estudante.

Seguindo esta metodologia os estudantes aprenderam a pensar, a refletir e a resolver problemas de forma autónoma, tendo a orientação dos professores sempre que necessário. Revelaram que nem sempre foi fácil selecionar e sintetizar a informação mais relevante e pertinente, mas aprenderam a ouvir, a discutir e a debater as suas ideias, encontrando sempre o caminho a seguir.

Para os professores, esta metodologia também representou desafios, quer na orientação dos estudantes, ainda numa fase muito inicial do seu percurso no ensino superior, quer em relação à compilação das fichas síntese e refinamento das mesmas, obrigando necessariamente a associar o rigor técnico e científico a uma linguagem lógica, sequencial e integradora entre as diferentes fichas síntese.

Este foi o caminho por nós percorrido (estudantes e professores) e no qual o leitor nos pode acompanhar.

Até breve...